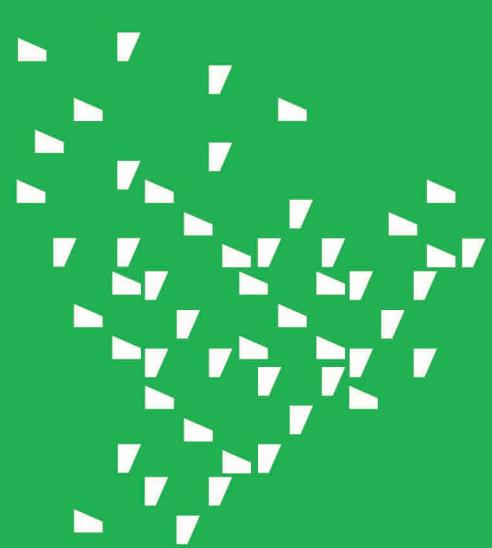




**Migrantes latino-americanos
no “Brasil meridional”:
O caso dos haitianos e venezuelanos
no estado do Paraná, 2010-2024**

■
Latin American Migrants
in “Southern Brazil”:
The Case of Haitian and Venezuelans
In the State of Paraná, 2010-2024

MÁRCIO DE OLIVEIRA



PERSPECTIVAS.
PERSPECTIVAS.
PERSPECTIVAS.

Notes de recherche américanistes

Oct.2025 / n° 10

PERSPECTIVAS.

PERSPECTIVAS.

PERSPECTIVAS.

Éditions de l'IHEAL, Directrice de la publication : Camille Goirand

DOI : <https://doi.org/10.35008/perspectivas-0010>

ISSN : 2740-6075



Márcio DE OLIVEIRA
Universidade Federal do Paraná

Professor titular de sociologia da
Universidade Federal do Paraná.

**Migrantes latino-americanos
no “Brasil meridional”:
O caso dos haitianos e venezuelanos
no estado do Paraná, 2010-2024**



Latin American Migrants
in “Southern Brazil”:
The Case of Haitian and Venezuelans
in the State of Paraná, 2010-2024

Márcio DE OLIVEIRA
Universidade Federal do Paraná
marciodeoliveira@ufpr.br

RESUMO

Ao longo da década de 2010, o Brasil tornou-se um dos destinos privilegiados de migrantes latino-americanos e africanos. Haitianos e venezuelanos, cuja presença no território brasileiro era praticamente irrelevante no início dos anos 2000, somam hoje aproximadamente 700 mil migrantes, número que segue aumentando mês a mês. O fenômeno migratório recente teve consequências diversas, desde a reformulação da política de acolhimento geral, passando pela inserção nos diversos estados, trabalho legal, até os problemas mais cotidianos, como moradia, assistência aos serviços de saúde e acesso aos programas de benefícios sociais. Este artigo apresenta um estudo das principais características sociodemográficas e laborais destes dois grupos de migrantes, a partir das bases de dados atualmente disponíveis no site do Observatório das Migrações Internacionais [OBMigra]. Graças a um estudo aprofundado no Paraná, estado brasileiro que acolhe grande contingente de migrantes, demonstramos sua concentração em alguns municípios e que apenas parte deles se insere no mercado de trabalho formal e em setores específicos da economia local, demonstrando assim a real capacidade atrativa do estado.

POUR CITER CE TEXTE :

Márcio DE OLIVEIRA, "Migrantes latino-americanos no 'Brasil meridional': O caso dos haitianos e venezuelanos no estado do Paraná, 2010-2024", *Perspectivas. Notes de recherche américanistes*, n° 10, octobre 2025.

PALAVRAS-CHAVE:

MIGRAÇÃO HAITIANA,
MIGRAÇÃO VENEZOLANA,
BRASIL,
PARANÁ.

INTRODUÇÃO

No início dos anos 1990, embora a América Latina como um todo fosse um continente majoritariamente emigrante, a migração intrarregional havia aumentado bastante, passando de 648.049 indivíduos em 1960 para 2.286.743 indivíduos em 1990 [Pelegrino, 2003]. Boleda, Domenach e Guillon [1995, 41-42] diferenciaram esses novos fluxos migratórios da migração de cidadãos dos países centro-americanos – em especial de mexicanos – para os EUA. Entre finais do século XX e início do XXI, Argentina, Brasil e Chile passaram a atrair mais fortemente migrantes oriundos dos países vizinhos – Paraguai, Bolívia, Peru e Uruguai – e confrontaram-se igualmente com a chegada de migrantes oriundos de alguns países da África, como o Congo ou o Senegal, e do Oriente Médio, como a Síria e o Líbano. Estes novos fluxos, além de atestarem a boa saúde econômica de alguns países sul-americanos e de suas políticas humanitárias de acolhimento, inscreviam-se no quadro do endurecimento das políticas migratórias dos tradicionais destinos em países europeus e norte-americanos [Baeninger & Patarra, 2006; D'Andrea, 2007; Baeninger & Souchaud, 2009; Liberona, 2011; Souchaud, 2011; Baeninger, 2012; Patarra, 2012; Souiah, 2013]. Na segunda década do século XXI, alguns países da América do Sul surpreenderam-se com o incremento da migração haitiana, historicamente direcionada à América do Norte e à França e, a partir de 2015, com o crescimento significativo da migração venezuelana, até então fortemente concentrada na Colômbia [Audebert, 2012; Eguren, Koechlin, 2018]. Tais fluxos explicam-se pelas condições próprias a esses países – crise econômica e política, insegurança e falta de perspectivas – configurando o clássico caso da migração movida por fatores de expulsão (*push factors*), que buscam em destinos regionais melhores condições de vida e trabalho. No contexto do Cone Sul, uma das novidades no correr da década de 2010 foi certamente o Brasil e sua política humanitária de acolhimento de haitianos e, sobretudo, de venezuelanos [Baeninger et al., 2016; Baeninger, Silva; 2018; Senhoras, 2022].¹

No início do presente século, o Brasil não era um país de imigrantes. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] indicam que o número de estrangeiros e estrangeiros naturalizados brasileiros residentes no país em 2000 era de 510.067 ou 0,3 % de sua população total de 169.872.856

¹/ À parte os livros mencionados, seria quase impossível arrolar aqui todos trabalhos de pesquisa que dão conta da realidade na América Latina. A título de sugestão, convido os leitores a consultar os sites de dois Grupos de Trabalho que têm se dedicado ao estudo das migrações na América Latina. Trata-se do GT "Migraciones y fronteras sur-sur" (www.clasco.org.migraciones-y-fronteras-sur-sur) e do GT "Migraciones, refugio, otras movilidades y relaciones fronterizas", que se organizou por ocasião das duas últimas edições do Congresso da Asociación Latinoamericana de Sociología.

habitantes. Em 2010, esse número subiu apenas para 592.569 estrangeiros e naturalizados brasileiros ou 0,31 % de sua população total de 190.755.799 habitantes. Ainda segundo dados do IBGE, naquele ano de 2010, apenas 54 haitianos e 2.869 venezuelanos e venezuelanos naturalizados brasileiros residiam no Brasil. Somados, os nacionais de ambos países perfaziam um total de 2.923 indivíduos. No entanto, os anos posteriores seriam marcados por uma mudança radical no número de estrangeiros instalados não apenas no Brasil, mas também em outros países sul-americanos, com a chegada massiva de migrantes do sul global e, em 2022, 1.009.341 estrangeiros e estrangeiros naturalizados brasileiros residiam no país, 0,48% de sua população total de 212.583.750 habitantes.

Dos anos 2010 em diante, com efeito, o fluxo de estrangeiros no Brasil cresceria numa proporção então não imaginada. Segundo números do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), o Brasil registrou, entre 2010 e 2024, a entrada de 1.770.346 estrangeiros de mais de 160 nacionalidades. Desse conjunto, sobressaem-se cidadãos haitianos e venezuelanos,² fenômeno similar tendo ocorrido em diversos países sul-americanos. Entre 2011 e 2020, o país registrou 317.550 haitianos e venezuelanos, 149.832 e 167.718 respectivamente, média de 16 mil por ano. Entre 2021 e 2024, essa tendência diminuiu, no caso dos haitianos (+ 36.170 registros, média de 9 mil por ano), e acentuou-se exponencialmente no caso dos venezuelanos (+ 364.202 registros, média de 91 mil por ano), grupo que representa hoje, de longe, o maior contingente de estrangeiros residentes no Brasil.

Segundo Oliveira [2017], entre 1880 e 1920, sete de cada dez migrantes vindos de algum país estrangeiro instalaram-se nos estados do então chamado “Brasil Meridional”: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.³ Nas duas primeiras décadas do século atual, a situação não se alterou. De forma geral, para o período compreendido entre 2010 e 2024, quase 6 de cada dez venezuelanos (180.764), em um total de 317.271⁴) e oito de cada dez haitianos (150.947, em um total de 186.002) instalaram-se nos estados da região Sul e no estado de São Paulo. Em síntese, hoje como ontem os estados do “Brasil Meridional” se mantêm como os principais polos de atração de migrantes no Brasil.

À diferença dos tempos da migração histórica, contudo, a partir da criação do Observatório das Migrações Internacionais em 2010 (OBMigra, ver quadro abaixo), é possível conhecer o perfil sociodemográfico de cada um dos grupos de migrantes que chegam ao Brasil, com base em variáveis que detalham status

²/ Segundo dados de dezembro de 2024 disponíveis na plataforma R4V (www.R4v.info), o principal destino da migração venezuelana é a Colômbia, com 2,8 milhões de venezuelanos, seguida pelo Peru (1,7 milhões). O Brasil aparece em terceiro lugar, os EUA em quarto, o Chile em quinto e a Espanha em sexto. No caso da migração haitiana, os EUA e a República Dominicana continuam sendo os principais destinos. O Brasil encontra-se na primeira posição no continente sul-americano. Ver, a este respeito, Audebert & Handerson [2022].

³/ Brasil Meridional era uma região político-administrativa composta pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 1967, houve uma mudança na organização das regiões brasileiras. O estado de São Paulo, juntamente com Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, passou a compor a Região Sudeste. Os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul passaram a compor a atual Região Sul.

⁴/ Este número de 317.266 registrados exclui os do estado de Roraima, principal fronteira terrestre com a Venezuela e assim a porta de entrada de venezuelanos que terminam por serem deslocados pelo governo brasileiro ou se deslocarem voluntariamente para algum outro estado brasileiro.

migratório, ano de entrada e de registro, de nacionalidade, de gênero, de idade e escolarização, e até mesmo obter dados sobre sua inserção e movimentação no mercado de trabalho, além de sua vulnerabilidade social graças aos dados de acesso aos programas de assistência social.

Neste artigo, realizamos uma caracterização sociodemográfica dos dois principais grupos de migrantes – venezuelanos e haitianos –, com foco em um dos estados brasileiros que mais acolheu migrantes nos últimos anos, o Paraná. Em termos metodológicos, utilizamos as bases de dados disponibilizadas, sob demanda, pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra).⁵ Em seguida, analisamos a inserção e a espacialização de venezuelanos e haitianos no Brasil. Num terceiro momento, realizamos uma caracterização sociodemográfica e laboral dos migrantes registrados no estado do Paraná. Finalmente, à guisa de conclusão, apresentamos uma rápida reflexão sobre os dados analisados e as tendências atuais da migração no Brasil.

Quadro 1. OBMigra: pequena história e bases disponíveis

A origem do OBMigra (www.portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/observatorio) está ligada ao próprio fenômeno migratório no Brasil. A criação do Observatório, como agência, é um dos desdobramentos das preocupações do governo brasileiro em lidar com o aumento exponencial da migração haitiana, iniciada a partir de 2010, e para a qual não havia quadro legal de acolhimento e trabalho, nem tampouco infra-estrutura física nas cidades de destino. Muito resumidamente, desde os anos 2000, o Brasil tentava atualizar sua legislação em relação ao trabalho legal e à acolhida de estrangeiros [Almeida, 2009]. Contudo, em 2010, quando do início do fluxo de haitianos ao Brasil, a legislação ainda não possibilitava a permanência nem o trabalho legal de migrantes [haitianos ou outros] que entrassem no país sem a devida demanda de autorização protocolada pelo contratante domiciliado no país, fosse ele nacional ou estrangeiro. A estratégia encontrada pelos haitianos foi a solicitação de refúgio, que lhes possibilitava permanecer e trabalhar legalmente no Brasil até que o pedido fosse analisado pelas autoridades competentes. Diante da falta de argumentos para a concessão de refúgio e da falta de ordenamento legal sobre a questão, as solicitações foram enviadas pelo Presidente do Conselho Nacional do Refugiado [CONARE], Luiz Paulo Barreto, ao Conselho Nacional de Imigração [CNIG]⁶ [Duval, Faria, 2017]. Em março de 2011, o CNIG autorizou a permanência e o trabalho legal – graças à emissão da Carteira de Trabalho e Previdência Social [CPTS] –, de 199 haitianos recém-ingressados no Brasil [Sant'Anna, 2022].⁷

Diante da ausência de um quadro jurídico apropriado, esta decisão do CNIG sustentou-se na Resolução Normativa nº 8, de 19 de dezembro de 2006, que previa

⁵/ No caso brasileiro, portanto, os dados sobre migrantes apresentados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) ou pela Organização Internacional das Migrações (OIM), dentre outras instituições internacionais, são fornecidos mensalmente pelo OBMigra, o que dispensa a consulta das bases desses organismos.

⁶/ O CNIG foi criado pelo Estatuto do Estrangeiro e regulamentado pelo Decreto nº 86.715/1981. A partir de 2010, sua atuação é regida pelo o Decreto nº 840, de 22/06/1993, que lhe permite examinar e adotar soluções em relação às demandas de migrantes e problemas afins.

⁷/ Na ata da sessão do CNIG do mês de março mencionou-se que a autorização de permanência devia-se à "[...] excepcionalidade da situação e não deveria criar precedentes". As atas do CNIG podem ser consultadas em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/observatorio/1715-obmigra>

por questões humanitárias a permanência de estrangeiros no Brasil. Assim, ao final de 2011, o número de autorizações de permanência e de trabalho chegou a 632, embora cerca de 4.000 solicitações de refúgio ainda dependessem de análise. Finalmente, em 2012, graças à Resolução Normativa nº 97, na tentativa de solucionar as pendências de refúgio⁸ que se acumulavam, o CNIG criou uma modalidade de solicitação de visto permanente de caráter humanitário – que ficou conhecido como “visto humanitário” – em todos os consulados da rota terrestre Haiti-Brasil, com teto de 1.200 autorizações anuais, à razão de 100 por mês. Em 2013, em função da pressão crescente do fluxo migratório e graças à Resolução Normativa nº 102, o CNIG eliminou o teto de 1.200 vistos,⁹ mantendo-se a possibilidade de acolhimento humanitário, com base na RN nº 97, até o ano de 2017,¹⁰ quando a legislação migratória foi finalmente modificada com a aprovação da nova Lei de Migração.¹¹ Foi exatamente neste contexto que o Observatório das Migrações Internacionais foi criado.

O OBMigra, criado em 2013, apresenta-se hoje como “[...] um projeto de pesquisa, desenvolvimento e inovação da Universidade de Brasília em parceria com o Ministério da Justiça e Segurança Pública, no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica que envolve o Ministério das Relações Exteriores, o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), a Polícia Federal e a Universidade de Brasília (UnB)” [Cavalcanti, 2023]. O objetivo central do observatório, como pode ser lido em seu site, é produzir dados sobre as migrações internacionais, realizando pesquisas qualitativas e quantitativas sobre os fluxos de migrantes. Os dados colhidos e tratados pelo OBMigra estão disponíveis em três bases principais: Microdados, DataMigra Web e DataMigra Bi. Trata-se de três grandes conjuntos de dados, a saber: 1) Registros migratórios; 2) Refúgio e 3) Mercado de trabalho. O conjunto de dados é discriminado por ano, unidade da federação, sexo e status migratório.

A base de dados fornecida pelo OBMigra trabalha com as informações administrativas fornecidas pelos diversos órgãos e ministérios do Brasil, sendo portanto a mais confiável atualmente à disposição. Após processá-los, o OBMigra os disponibiliza sob demanda à imprensa, a pesquisadores, a agências internacionais, entre outros.

Quadro 1. Bases de dados públicas do OBMigra

Administrações públicas	Tipos de dados
Polícia Federal do Brasil	Dados de entrada e saída no país por portos, aeroportos e fronteiras terrestres
Instituto Nacional de Educação (INEP)	Dados de educação
Ministério do Trabalho	Emprego formal

⁸/ Graças a esta decisão, pouquíssimos haitianos conseguiriam obter a condição de refugiados, ao contrário dos venezuelanos, que seriam amplamente beneficiados pela legislação específica.

⁹/ A embaixada brasileira em Port-au-Prince acabaria emitindo 62.857 vistos humanitários entre 2012 e 2017 [Sant’Anna, 2022].

¹⁰/ A Portaria Interministerial nº 10 [06/04/2018] está disponível em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias>

¹¹/ A lei pode ser consultada em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03//_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm

	<p>Bases de dados:</p> <p>Carteira de Trabalho e Previdência Social (CPTS), Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (CAGED)</p> <p>Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) - conjunto de informações socioeconómicas solicitado pelo governo ao final de cada ano fiscal às empresas e pessoas jurídicas sobre o número de empregados e seus salários</p>
Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social	Dados sobre os programas de assistência social (Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada, entre outros)
Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), subordinado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública	Dados sobre solicitantes de refúgio

INSERÇÃO E ESPACIALIZAÇÃO DE HAITIANOS E VENEZUELANOS NO BRASIL

O fluxo de migrantes haitianos e venezuelanos para o Brasil, em especial desde a década de 2010, é a grande novidade migratória do século XXI. Diversos estudos indicam uma conjunção de fatores que explicam os fluxos destes dois grupos nacionais. No caso do Haiti, podemos apontar a diáspora como prática social e econômica, o terremoto de 2010, as políticas restritivas adotadas por países do Norte Global – em especial os EUA e a França –, a presença militar brasileira no território haitiano até 2017 à frente da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti [MINUSTAH], a crise econômica, a insegurança e as políticas de acolhimento (visto humanitário, documentação e direitos sociais) e, sem ser exaustivo, as redes migratórias e os capitais acumulados pelos próprios migrantes [Danticat, 2010; Silva, 2012; Thomaz, 2013; Cogo, 2014; Hamann, 2015; Handerson, 2015; Peres, 2015; Sá, 2015; Assis & Silva, 2016; Baeninger et al., 2016; Oliveira, 2016a, 2016b, 2019; Montinard, 2019; Bernard, 2021; Dalmaso, 2021; Cadet, 2022; Oliveira & Cavalcanti, 2023].

Já no caso da Venezuela, temos um conjunto de fatores internos e externos. Em relação aos primeiros, podemos citar o falecimento do ex-presidente Hugo Chávez, a queda no preço da principal *commodity* local, o petróleo, o aumento da criminalidade urbana, a deterioração das condições de vida e a crise política, com viés necropolítico [Freitez, 2011; Osorio, 2014; Maya, 2016; Abrahão & Silva, 2018; Benayas & Romero, 2018; Guardia, 2018; Legler, Garelli-Rios & Pont, 2018; Acosta, Blouin & Freier, 2019; Puente & Rodriguez, 2019; Zubillaga, 2020; Ávila & López, 2023; Ivanovici, 2023; Zambrano, 2023].¹² Por outro lado, tem-se sobretudo os fatores de atração próprios ao Brasil, como a proximidade física, que inclui os mais de 2.000km de fronteira Brasil-Venezuela, a política de acolhimento (visto humanitário e refúgio) e a “interiorização” posta em prática pela Operação

¹² Conferir também Luís Pedro ESPAÑA, María G. PONCE, 2018, “Encuesta sobre Condiciones de Vida en Venezuela” [s. l.], UCAB, Projeto ENCOVI, <https://www.proyectoencovi.com/encovi-2018-encuesta-nacional-de-condiciones-de-vida-copy>

Acolhida¹³ [Baeninger & Silva, 2018; Rodrigues & Silva, 2020; Baeninger & Silva, 2021; Góis & Silva, 2021; Castro & Leite, 2021; Gonçalves & Paiva, 2021; Machado, 2021; Santos & Vasconcelos, 2021; Senhoras, 2022; Araújo & Sarmiento, 2024; Branco, 2024].¹⁴

Iniciado em 2010, o atual fluxo de haitianos no Brasil cresceu rapidamente a partir de 2012, sendo fruto de uma política de acolhimento que permitiu o registro e o trabalho legal graças à emissão da Carteira de Trabalho e Previdência Social [CPTS], documento que permite a qualquer indivíduo – nacional ou estrangeiro – o direito ao trabalho legal e à proteção das leis trabalhistas e previdenciárias brasileiras.

Tabela 1. Número de Haitianos registrados no Brasil, 2010-2024¹⁵

Ano de Registro	Registros
2010	107
2011	476
2012	4.243
2013	5.593
2014	10.662
2015	14.486
2016	42.415
2017	14.707
2018	13.951
2019	19.629
2020	23.563
2021	16.697
2022	6.769
2023	6.361
2024	6.342
Total	186.002

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

Este fluxo cresceu intensa e ininterruptamente até 2016, quando começou a declinar *pari passu* com o declínio da economia brasileira. Os anos pós-

¹³/ Uma análise específica da política migratória e da espacialização do migrante venezuelano no Brasil, de minha autoria, será publicada na revista Problèmes d'Amérique latine [no prelo].

¹⁴/ Ver também Raulin CADET, 2022, “Étude retrospective sur les transferts de fonds de la diaspora haïtienne : Perspectives pour une remobilisation vers le financement du développement durable d'Haïti”. Port-au-Prince, Programme des Nations Unies pour le Développement [on-line] <https://www.undp.org/fr/haïti/publications/etude-retrospective-sur-les-transferts-de-fonds-de-la-diaspora-haïtienne-et-les-perspectives-pour-une-remobilisation-vers-le> [consultado em 5 de fevereiro de 2024]

¹⁵/ Para efeitos de análise, trabalhamos aqui, em todas as tabelas subsequentes, as 3 categorias de registros de migrantes, a saber: residentes, temporários e fronteiriços.

pandemia indicam um freio ainda maior nessa tendência, mas não sua interrupção. O registro de haitianos no Brasil parece ter se estabilizado em torno de 6.000 entradas por ano entre 2022 e 2024, como se pode ver na tabela 1 acima. Por outro lado, analisar a presença haitiana no Brasil implica diferenciar realidades locais muito díspares. De maneira geral, os migrantes haitianos instalaram-se principalmente nos estados do sul do Brasil, em função das redes, das estruturas institucionais, dos organismos de acolhimento e da forte demanda de mão de obra na região [tabela 2].

Tabela 2. Número de Haitianos registrados no Brasil por região, 2010-2024.

Ano de Registro	Registros	%
Região Norte	8.435	4,54
Região Nordeste	324	0,17
Região Centro-Oeste	15.380	8,26
Região Sudeste	62.295	33,50
Região Sul	99.583	53,53
Não especificado*	10	0,01
Total	186.002	100

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025
 * Trata-se aqui de migrantes ingressados no Brasil mas cujo registro não indica a região.

Os estados sulistas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul são responsáveis por mais da metade (53,53 %) dos registros de haitianos entre 2010 e 2024. Eles estão, inclusive, muito à frente dos dois estados mais ricos da federação, São Paulo e Rio de Janeiro, que acolheram 51.389 e 2.964 migrantes haitianos respectivamente. Diversos fatores, em especial a cadeia do agronegócio, explicam a concentração da oferta de postos de trabalho no sul do país. Por ora, basta salientar que a espacialização dos migrantes haitianos no Brasil pouco se diferencia daquela verificada para os migrantes europeus no período da grande migração, fins do século XIX e início do século XX. Assim, somando os estados do sul ao estado de São Paulo, o que nos reconstitui o “Brasil Meridional”, temos 150.947 haitianos, sobre um total de 186.002, ou seja, mais de 8 em cada 10 registros. Em sentido inverso, somente 324 haitianos (0,17%) instalaram-se na região Nordeste, sendo que os estados de Alagoas e Sergipe registraram apenas 8 deles.

Analizando agora o fluxo venezuelano, encontramos uma realidade relativamente distinta da migração haitiana. Os venezuelanos, em sua grande maioria, entraram no Brasil pela fronteira terrestre norte e foram beneficiados por uma política de acolhimento e de interiorização organizada pelo Estado brasileiro, o que os levou a se instalar de maneira um pouco mais equilibrada nas diversas unidades da federação.

Tabela 3. Número de Venezuelanos registrados no Brasil, 2010-2024¹⁶.

Ano de Registro	Registros
2010	547
2011	742
2012	820
2013	843
2014	990
2015	905
2016	900
2017	6.869
2018	32.072
2019	89.448
2020	33.582
2021	65.296
2022	98.332
2023	106.600
2024	93.974
Total	531.920

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025

O fluxo venezuelano cresceu de forma vigorosa a partir de 2018, com o recrudescimento da crise econômica, política e social na Venezuela. O movimento de entrada no Brasil vem se fazendo principalmente pela fronteira norte com a Venezuela, na cidade de Pacaraima (estado de Roraima). O crescimento mais expressivo deste fluxo migratório ocorreu exatamente entre 2018 e de 2019, um aumento de mais de 250 % em relação aos anos anteriores, o que desencadeou a criação da *Operação Acolhida* (abaixo detalhada). Embora a tabela 3 indique uma diminuição do número de registros no ano de 2020, devido ao fechamento das fronteiras terrestres brasileiras, entre 2018 e 2024 foram registrados 519.304 venezuelanos. Este período abrange portanto 97,62 % do total de 531.920 registros efetuados para nacionais deste país desde 2010.

O fluxo venezuelano chamou também a atenção devido à sua espacialização muito mais dispersa no território brasileiro em comparação com a migração haitiana. A Região Norte, fronteira com a Venezuela, surge em primeiro lugar, com 294.412 registros. Em seguida, temos a Região Sul, com 147.074 registros, a Região Sudeste, com 49.691 registros, a Região Centro-Oeste, com 32.456 registros e a Região Nordeste com 7.980 registros.

Tabela 4. Registro de Venezuelanos por região, 2010-2024

Região	Registros	%
Norte	294.412	55,35

¹⁶/ Para efeitos de análise, trabalhamos aqui, em todas as tabelas subsequentes, as 3 categorias de registros de migrantes, a saber: residentes, temporários e fronteiriços.

Nordeste	7.980	1,50
Centro-Oeste	32.456	6,10
Sudeste	49.692	9,34
Sul	147.074	27,65
Não especificado	306	0,06
Total	531.920	100

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

O importante número de venezuelanos registrados na Região Norte do Brasil explica-se pela fronteira terrestre de 2.199 km com a Venezuela, dos quais 1.409 km estão no estado de Roraima. Trata-se da principal porta de entrada terrestre e igualmente do principal porto de embarque no processo de interiorização do migrante venezuelano em direção a outros estados do país. Saliente-se aqui que pequena parte do conjunto de venezuelanos que passaram a entrar no Brasil pertencia à etnia Warao. Este grupo se acostumara a transitar e mendigar entre os dois lados da fronteira, nas ruas de Pacaraima e Boa Vista, respectivamente cidade fronteiriça e capital do estado de Roraima. Além de serem vítimas de atos de violência e de xenofobia no lado brasileiro, enfrentavam problemas sanitários e de moradia [Pulido, Santos, Vasconcelos, 2020; Calheiros, Veras, 2022]. A reação hostil¹⁷ por parte de autoridades locais e de parte dos comerciantes e cidadãos ao fluxo crescente de venezuelanos, o grande número de migrantes que solicitavam refúgio,¹⁸ numa palavra, a incapacidade do estado de Roraima em acolhê-los e empregá-los,¹⁹ aliados a seu interesse em se deslocar para as regiões mais ricas do país, são algumas das razões que explicam a mudança nos parâmetros legais da política de refúgio brasileira e a criação da maior operação militar de controle e de acolhimento de migrantes internacionais da história do Brasil.

Em fevereiro de 2018, graças à Medida Provisória nº 820, o governo Michel Temer criou o Comitê Federal de Assistência Emergencial (CFAE) com o objetivo de prover assistência e acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório devido a crise humanitária. Na sequência da criação do CFAE, foi organizada a Força-Tarefa Logística Humanitária [FTLogHum], conhecida como *Operação Acolhida*, uma ação conjunta interagências governamentais, sob o comando do Exército brasileiro. Seu objetivo era e controlar e tornar segura a entrada de migrantes venezuelanos em território

¹⁷/ Foram inúmeras as reportagens sobre agressões de diversos tipos a venezuelanos publicadas em 2018. Entre diversas outras, ver as matérias <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/19/pacaraima-tem-ruas-desertas-apos-confronto-entre-brasileiros-e-venezuelanos.ghtml>, canal G1, https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/17/politica/1534459908_846691.html no site do jornal El País ou <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45242682>, no site da BBC Brasil e no site do Intercept, <https://www.intercept.com.br/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>.

¹⁸/ Somente entre 2016 e 2019, segundo dados da plataforma Datamigra BI [<https://www.datamigra.unb.br>], o Brasil registrou 80.991 solicitações de migrantes venezuelanos.

¹⁹/ Segundo dados do IBGE, o PIB do estado de Roraima representa apenas 0,2 % do PIB brasileiro, situando-o na última posição juntamente com os estados do Acre e do Amapá. Para maiores detalhes da economia do estado, ver FGV, 2020, Economia de Roraima e o fluxo venezuelano. Evidências e subsídios para políticas públicas, Rio de Janeiro, FGV [on-line] <https://repositorio.fgv.br/items/3dcd1157-431a-43cc-aed0-aeaddbad1adf> [consultado em 13 avril 2021].

brasileiro pela fronteira norte, via cidade de Pacaraima, no estado de Roraima [Hirata, 2015; Hirst, 2017; Machado, 2021]. Após sua regulamentação pela Lei 13.684 (21/06/2018),²⁰ o CFAE foi organizado em subcomitês, a saber: Subcomitê Federal para Recepção, Identificação e Triagem dos Imigrantes, Subcomitê Federal para Acolhimento e Interiorização de Imigrantes em Situação de Vulnerabilidade e Subcomitê Federal para Ações de Saúde aos Imigrantes.

Além do controle fronteiriço, a missão da *Operação*²¹ também inclui o acolhimento (abrigo, alimentação, vacinação, cadastro [o que incluiu registrar dados sobre sexo, idade, estado civil, profissão, entre outros]), a documentação – emissão do Registro Nacional Migratório (RNM), Cadastro de Pessoa Física (CPF) e Carteira de Trabalho e Previdência Social (CPTS)²² – e o deslocamento voluntário dos migrantes venezuelanos, em aviões da Força Aérea Brasileira, para outros estados brasileiros. Tal conjunto de ações ficou conhecido como “interiorização” dos migrantes [Rodrigues & Silva, 2020; Machado, 2021].

Ao analisar mais detidamente este processo, verifica-se que seu impacto na espacialização dos migrantes venezuelanos é inegável. Segundo dados da OIM,²³ desde abril de 2018 até dezembro de 2024, 144.503 foram deslocados para 1.072 municípios – praticamente 20 % do total dos municípios brasileiros –, tendo sido espalhados por todos os estados da federação.²⁴ Neste conjunto, destacam-se Santa Catarina (32.073 pessoas interiorizadas), Paraná (27.257 pessoas interiorizadas) e Rio Grande do Sul (21.983 pessoas interiorizadas), todos eles localizados na Região Sul do país e todos com índices de acolhida de migrantes muito superiores aos dos estados mais ricos do país, a saber: São Paulo (15.249 pessoas interiorizadas), Minas Gerais (7.822 pessoas interiorizadas) e Rio de Janeiro (3.189 pessoas interiorizadas).

A partir de sua criação, em abril de 2018, o impacto das ações de interiorização da *Operação* no espraiamento dos venezuelanos é decisivo em todas as regiões brasileiras, com exceção da Região Norte. Pouco mais da metade dos venezuelanos que se instalaram nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste foram deslocados pela *Operação*. Na Região Centro-Oeste, o impacto foi ainda maior, contemplando 7 em cada 10 venezuelanos.

²⁰/ Os objetivos do CFAE foram regulamentados pela Resolução nº 9-CFAE, de 1º de novembro de 2019. Desde 2021, o CFAE é regulamentado pelo Decreto nº 10.917 (29 de dezembro de 2021).

²¹/ As ações da *Operação* são divulgadas em seu site: https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/operacao-acolhida?fbclid=PAAbqAHhoLCJqFoFbav9IA89uqF4JsfMJG1K5wwH0BW49DQS9aX9digY_Y_aem_AcZdvjBCQvq80Js3Um5ju_HKNm3K55C6_Q1V7u6r-jNrrCSlsfKLcwzmmz8dA07xm4 e em seu Instagram <https://www.instagram.com/opacolhida/>

²²/ O RNM é o número de identificação do migrante. Juntamente com o CPF constituem documentos individuais necessários para a abertura de contas bancárias, a solicitação de serviços públicos, dentre outros. A CPTS permite, por sua vez, o registro e a contratação de qualquer trabalhador. Trata-se dos três documentos mais importantes no cotidiano de qualquer indivíduo residente e que deseja trabalhar legalmente no Brasil.

²³/ Os dados estão disponíveis em https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbdl1496/files/documents/2025-01/informe_deslocamentos-assistidos-de-venezuelanos_dez24.pdf

²⁴/ O Brasil tem 5.570 municípios, espalhados por seus 26 estados. O Distrito Federal, onde está situada a capital do país, Brasília, não é dividido em municípios.

Tabela 5. Interiorização e registros de Venezuelanos por região, 04/2018-12/2024.

Por todos registros

Região	Interiorização*	Registros	Interiorização/ Total de Registros na Região[%]
Norte	7.347	284.636	2,58
Nordeste	4.637	7.196	64,43
Centro-Oeste	24.126	32.052	75,27
Sudeste	27.080	44.612	60,70
Sul	81.313	145.819	55,58
Total	144.503	514.315	28,96

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Ministério do Desenvolvimento Social/ACNUR/OIM, 2025.

* O estado de Roraima não entra nessa contagem. Sendo a principal porta de entrada no país, Roraima não é destino das ações de interiorização.

Por outro lado, para o grande período 2010-2024, temos hoje no Brasil mais do que o dobro de registros de migrantes venezuelanos em comparação aos de haitianos, 531.920 para os primeiros contra 186.002 para os segundos. Finalmente, o conjunto de 717.922 migrantes, somados estes dois grupos nacionais, representa 40,67% (4 em cada 10) do conjunto de 1.770.346 migrantes registrados no Brasil no período em questão, o que justifica a análise de seu perfil sociodemográfico, em especial num dos estados que mais migrantes acolheu, o Paraná.

HAITIANOS E VENEZUELANOS NO BRASIL E NO PARANÁ: CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

A Região Sul do Brasil é composta pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Entre 2010 e 2024, cada um destes estados registrou respectivamente 153.142, 152.828 e 124.329 migrantes de todas as nacionalidades. Para efeitos de comparação, apenas os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro registraram valores superiores, com 499.562 e 161.826 migrantes respectivamente. Em relação à migração venezuelana e haitiana, porém, a realidade é bem diferente.

Tabela 6. Migrantes Haitianos e Venezuelanos nos 4 estados com maior número de registros, 2010-2024.

País Estado	Haiti	% sobre Haiti	Venezuela	% sobre Venezuela	Total	% sobre 2 países
São Paulo	51.389	27,62	33.690	10,61	85.079	16,90
Paraná	32.492	17,46	54.464	17,16	86.956	17,27
Santa Catarina	42.478	22,83	59.609	18,78	102.087	20,28
Rio Grande do Sul	24.588	13,21	33.001	10,40	57.589	11,44

Total 4 estados	150.947	81,15	180.764	56,97	331.711	65,91
Total Brasil	186.002		317.271*		503.273*	

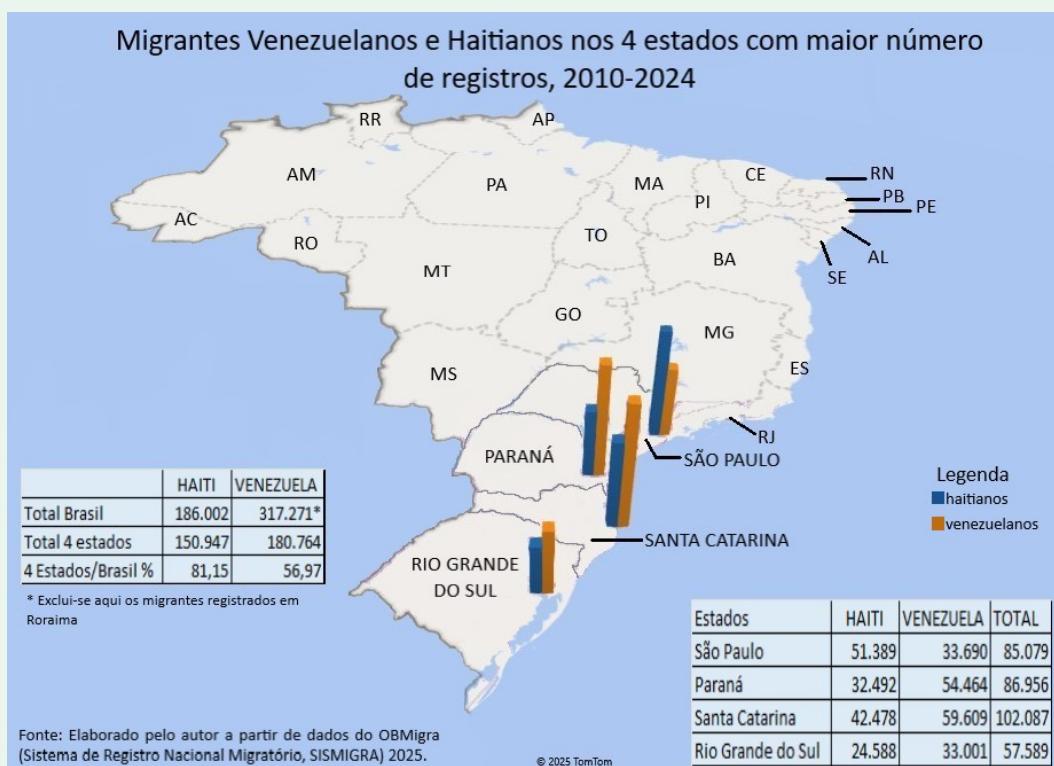
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

* Para efeitos de cálculo, exclui-se aqui os 240.150 venezuelanos registrados em Roraima porque, como visto, a maior parte deles não permanece nesse estado.

O exame dos números e da geografia de acolhimento indica que os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e de São Paulo registraram 81 % de todos os haitianos instalados no Brasil e apenas 27 % dos venezuelanos, conforme dados da Tabela 3.

Contudo, se excluimos os dados de registros de venezuelanos no estado de Rondônia, como se pode ver com clareza no Mapa 1, a realidade se modifica e os quatro estados registram 57% do total. Mais especificamente, Santa Catarina e Paraná superam o estado de São Paulo no número de registros de venezuelanos, mas não de haitianos, revelando assim o impacto da política de interiorização realizada pela Operação. Com efeito, São Paulo segue sendo o estado com maior registros de migrantes haitianos, grupo nacional que nunca foi objeto de nenhuma política federal de interiorização. Sua presença é reveladora do tamanho da economia paulista, cujo PIB é superior àquele dos três estados sulinos somados.²⁵

Mapa 1. Migrantes haitianos e venezuelanos nos quatro estados com maior número de registros, 2010-2024



²⁵ Segundos dados do IBGE para o ano de 2021, a economia de São Paulo representava em torno de 30 % do PIB nacional. Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, reunidos, representavam em torno de 19 %. Para o ranking completo dos estados brasileiros, consultar <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>

Vejamos agora a realidade migratória em um dos estados mais acolhedores, o Paraná.

MIGRANTES INTERNACIONAIS NO PARANÁ

Segundo dados do DATAMIGRA, entre os anos de 2010 e 2024, o Brasil acolheu 1.770.346 migrantes internacionais, provenientes de mais de 100 países. Desse conjunto, 153.142 migrantes, pouco mais de 8 %, foram registrados no estado do Paraná. Como visto, trata-se do terceiro estado em número de registros de haitianos e do segundo em termos de registros de venezuelanos. Nos três últimos anos, o Paraná revelou-se ainda mais acolhedor, recebendo mais de 10 % do total de migrantes que se registraram no país, um indicador da força das redes sociais dos migrantes, da qualidade de vida e da capacidade econômica de absorção.

Tabela 7. Número de Migrantes registrados no Brasil e no Paraná, 2010-2024.

ANO	Migrantes no Brasil	Migrantes no Paraná	% de Migrantes no Pr sobre total no Brasil
2010	45.947	2.392	5,20
2011	61.255	2.834	4,62
2012	80.378	3.946	4,90
2013	89.340	4.452	4,98
2014	101.337	6.352	6,26
2015	103.384	7.452	7,20
2016	119.414	11.505	9,63
2017	98.582	6.770	6,86
2018	110.998	7.682	6,92
2019	179.093	10.928	6,10
2020	84.925	7.329	8,63
2021	121.505	14.970	12,32
2022	180.637	19.465	10,77
2023	199.265	22.296	11,19
2024	194.286	24.769	12,75
TOTAL	1.770.346	153.142	8,65

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

A realidade migratória do estado não é, no entanto, uniforme. De fato, alguns municípios concentram a maior parte dos migrantes internacionais, inclusive fronteiriços, caso de Foz do Iguaçu, município que fica na fronteira do Brasil com o Paraguai. Da mesma forma, somente o município de Curitiba (capital do estado) acolheu 46.095 migrantes, pouco mais de 30 % do total no estado. Por

fim, os 11 municípios, abaixo listados, registraram 110.346 [72,45 %] dentre os 153.142 migrantes acolhidos em todo o estado do Paraná entre 2010 e 2024 (tabela 8 e mapa 2).

Tabela 8. Migrantes de todos os países Registrados no estado do Paraná por Município Selecionado, 2010-2024.

Municípios	Nº de Migrantes Internacionais Registrados	% sobre total
Curitiba	46.095	30,09
Foz do Iguaçu	20.018	13,07
Cascavel	14.273	9,32
Maringá	6.017	4,10
São José dos Pinhais	5.711	3,93
Londrina	4.385	2,86
Pinhais	3.784	2,47
Toledo	2.903	1,89
Colombo	2.796	1,82
Ponta Grossa	2.672	1,74
Araucária	1.782	1,16
Migrantes nos Municípios Selecionados em relação ao total de imigrantes no Paraná	110.436	72,45
Total de Imigrantes no Estado do Paraná	152.323	100

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados do OBMigra. [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

Nota Técnica: Consulta-se aqui a base SISMIGRA [ano de registro]. Cabe dizer que esta base do exclui os solicitantes de refúgio que são incluídos na base SISMIGRA apenas quando seus processos têm decisão favorável com direito em à residência e ao trabalho legal.

Finalmente, como detalhamos, dois grupos – haitianos e venezuelanos – concentram 86.956 (57%) do total de migrantes instalados no estado. Assim, no intuito de compreender a realidade migratória no estado, apresentamos a seguir um estudo específico sobre estes dois grupos nacionais, iniciando pelos haitianos.

MIGRANTES HAITIANOS NO PARANÁ EM MUNICÍPIOS SELECIONADOS: REGISTROS, EMPREGO E MERCADO DE TRABALHO

A migração haitiana para o Brasil cresceu exponencialmente a partir de 2012, quando o país acolheu 4.243 indivíduos desta nacionalidade, sendo que no ano anterior havia acolhido apenas 476 haitianos. O crescimento foi de fato acelerado e, já em 2016, o número de registros indicava 42.415 novos migrantes, um aumento de quase 900 % em relação ao ano de 2012.

Segundo Castro e Fernandes [2014], as primeiras levas de haitianos que chegaram ao Brasil a partir de 2012 indicavam uma população jovem, com alto grau de escolaridade²⁶ e capitais diversos, distanciando-os da média da população haitiana, cujo grau de analfabetismo, entre aqueles com idade igual ou superior a dez anos, superava 60 % naquela ocasião.²⁷ De forma análoga, em estudo específico sobre o Paraná, Oliveira, [2016a] salientava o alto capital educacional dos primeiros grupos de haitianos que se instalaram na Região Metropolitana de Curitiba. Em um grupo de 33 entrevistados, apenas dois falavam somente a língua créole, enquanto 24 falavam ao menos créole e francês, língua ensinada na escola. Dentre os 33 entrevistados, 23 haviam completado o Ensino Médio, dez deles tendo concluído o ensino superior [Oliveira, 2016a, p. 260-266]. Da mesma forma, como mostraram Oliveira et al. [2019], com a queda da taxa de crescimento econômico observada entre 2016 e 2017, os migrantes haitianos mostraram-se especialmente resilientes tanto na manutenção de seus postos de trabalho quanto no desejo de permanecer no país. A partir de 2017, o perfil dos migrantes modificava-se lentamente – um migrante menos escolarizado, embora ainda jovem – fazendo com que a escolha do Brasil como destino repousasse antes na política migratória aberta, nos diversos programas de acolhimento e nas vagas no sistema público de ensino, médio e superior e não necessariamente na oferta ou na qualidade de postos de trabalho [Oliveira & Cavalcanti, 2023]. Assim, entre 2017 e 2021, o fluxo recrudesceu. O número de registros, que girava em torno de 15 a 20 mil por ano entre 2015 e 2021, caiu para pouco mais de 6 mil por ano entre 2022 e 2024. Contudo, apesar da queda, para o período compreendido entre 2010 e 2024, os haitianos constituíram-se, como detalhamos a seguir, no segundo principal grupo de migrantes no Brasil, ¼ do total, ficando atrás apenas dos venezuelanos, caso que analisamos mais tarde.

A distribuição espacial do migrante haitiano no Brasil não foi, como visto, uniforme, alguns estados tendo recebido bem mais migrantes do que outros. Do conjunto de haitianos registrados no Brasil entre 2010 e 2024, o estado do Paraná aparece em terceiro lugar, atrás de Santa Catarina e de São Paulo, tendo acolhido 32.490 indivíduos. Porém, dentro do estado, sua distribuição no estado também não foi uniforme. Com efeito, alguns municípios²⁸ concentraram boa parte deste contingente, com mais de 70 % do total [tabela 9; mapa 3].

Tabela 9. Migrantes Haitianos Registrados no estado do Paraná, 2010-2024.

Ano	Nº de Registros
2010	41
2011	12
2012	604
2013	864

²⁶ A título de exemplo, dos 4.014 homens entrevistados, 1.914 declaravam ter o Ensino Médio incompleto ou níveis de escolarização superiores.

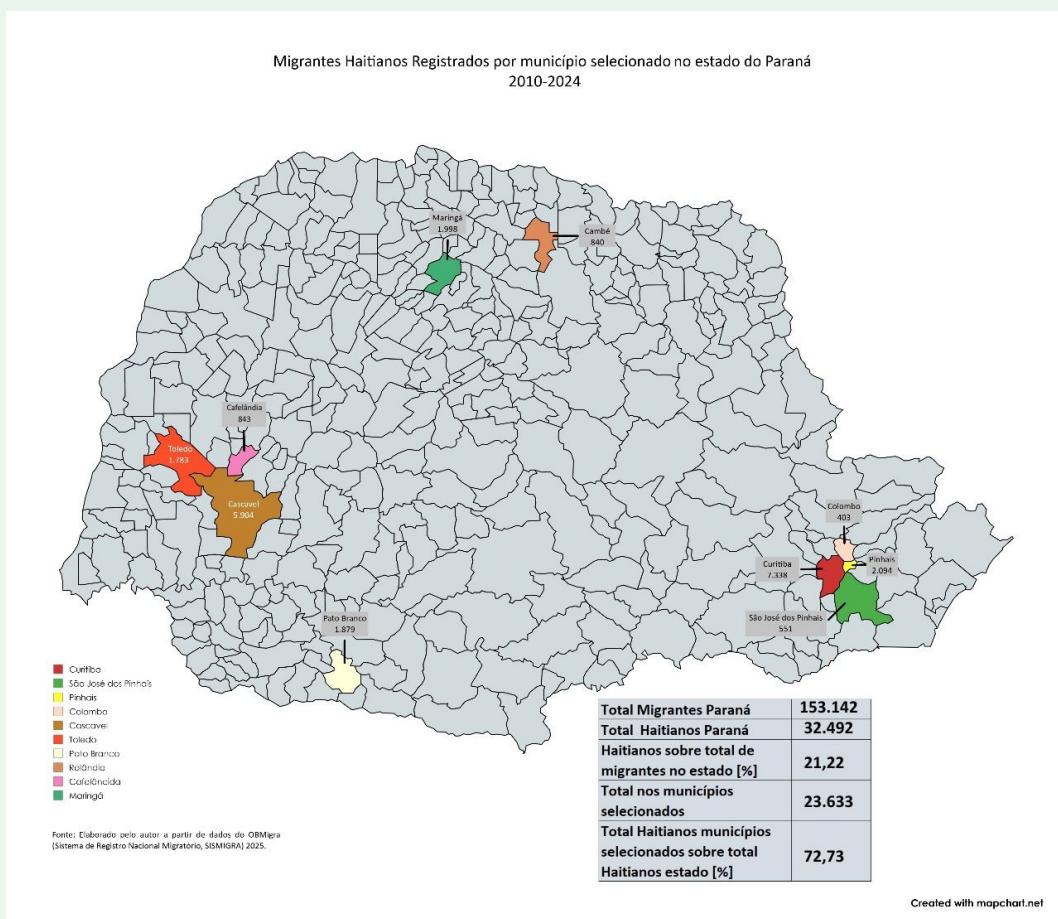
²⁷ O aprendizado da língua francesa era condição necessária para a alfabetização e a escolarização, tornando-se assim um indicador confiável do capital escolar observado no grupo entrevistado. A respeito do nível educacional da população haitiana, ver Tondreau [2008].

²⁸ O estado do Paraná tem 399 municípios.

2014	1.714
2015	2.197
2016	7.301
2017	2.425
2018	2.784
2019	3.394
2020	3.489
2021	3.915
2022	1.330
2023	1.102
2024	1.320
Total	32.492

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

Mapa 2. Migrantes haitianos registrados no Paraná (total e por municípios selecionados), 2010-2024



O perfil sociodemográfico dos haitianos registrados no Paraná revela uma distribuição imperfeita entre homens e mulheres, que perfazem um total de 19.496 para os primeiros e de 12.993 para as segundas. Tal desequilíbrio indica uma migração masculina e de homens solteiros, à diferença da migração venezuelana, como mostramos mais tarde. Sua instalação deu-se de maneira bastante

desigual, apenas dez municípios concentrando 72,73 % do total de registrados no estado. Examinando este conjunto, percebe-se que as cidades de Curitiba, Cascavel e Toledo acolheram 46,24 % do total de haitianos. Estes dados parecem espelhar a força da economia destas cidades, as duas últimas sendo conhecidas como polos do agronegócio na região. Por outro lado, 10.386 haitianos (32 % do total) concentraram-se na cidade de Curitiba, a capital do estado, e em três municípios de seu entorno, Pinhais, São José dos Pinhais e Colombo, o que reflete o poder de atração da segunda região mais rica do estado [tabela 10].

Tabela 10. Migrantes Haitianos Registrados no estado do Paraná por Município Selecionado, 2010-2024.

Municípios	Total	Homens	Mulheres	Não especificado
Curitiba	7.338	4.422	2.915	1
Cascavel	5.904	3.586	2.317	1
Pinhais	2.094	1.240	854	0
Maringá	1.998	1.158	840	0
Pato Branco	1.879	1.162	716	1
Toledo	1.783	1.000	783	0
Cafelândia	843	482	361	0
Cambé	840	482	358	0
São José dos Pinhais	551	331	220	0
Colombo	403	229	174	0
Outros Municípios	8.859	5.404	3.455	0
Total nos municípios selecionados	23.633	14.092	9.538	3
Total Haitianos Paraná	32.492	19.496	12.992	3
Total Haitianos munic. selec. sobre total Haitianos estado [%]	72,73	72,28	73,41	100
Total Migrantes Paraná	153.142	85.372	67.727	43
Haitianos sobre total de migrantes no estado [%]	21,22	22,83	19,18	6,97

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra, [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

Para compreender em detalhe o poder de atração de algumas cidades, analisamos os dados relativos ao emprego do migrante, utilizando para tal os dados mais recentes disponíveis, anos de 2022 e de 2023, graças a base RAIS²⁹.

Ao final de 2022, a base contabilizava 224.303 migrantes internacionais com emprego formal no Brasil. Desse conjunto, 48.620 (21,67 %) eram haitianos,

²⁹ RAIS, Relação Anual de Informações Sociais é uma base de dados sobre emprego formal construída a partir dos dados enviados pelas empresas contratantes. Esta base permite analisar o emprego formal e a movimentação no mercado de trabalho brasileiro ano a ano. Para maiores detalhes, consultar o sítio <http://www.rais.gov.br/sitio/sobre.jsf>

sendo que 8.831 (18,16 %), deles estavam empregados no estado do Paraná³⁰. O Paraná era, em 2022, o terceiro maior empregador de haitianos no país, atrás apenas de Santa Catarina, com 18.176 e São Paulo, com 10.436.

Ao final de 2022, os haitianos empregados no estado representavam 24,33 % do total de imigrantes formalmente empregados no estado (8.831 sobre 36.286), uma queda em relação aos 28,55 % (9.000 sobre 28.115) do ano anterior, 2021 (tabela 11).

Tabela 11. Migrantes Haitianos com Emprego Formal no estado do Paraná por Município Selecionado, 2022.

Municípios	Total	Homens	Mulheres
Curitiba	1.478	900	578
Cascavel	1.954	1.135	819
Maringá	704	398	306
Toledo	1.063	745	318
Pato Branco	372	230	142
Cafelândia	189	109	80
Rolândia	219	141	78
São José dos Pinhais	182	148	34
Londrina	179	139	40
Pinhais	150	118	32
Umuarama	103	66	37
Colombo	63	55	8
Outros Municípios	2.238	1.491	684
Total nos municípios selecionados	6.593	4.184	2.472
Total no Paraná	8.831	5.675	3.156
Total munic. selec sobre total no Paraná [%]	74,65	73,72	78,32
Total de Migrantes trabalhadores formais no Paraná	36.286	22.678	13.608
Haitianos sobre total no estado [%]	24,33	25,02	23,19

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra. Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CPTS estoque, 2025.

Analisando os dados da tabela 11, nota-se que ao final de 2022, quatro municípios – Cascavel, Curitiba, Toledo e Maringá, cujas características demográficas e localização detalhamos mais tarde – respondiam por 5.199 (58,9 %) dos 8.831 haitianos empregados no estado. Percebe-se assim a concentração de empregos em poucos municípios, dois deles com alta oferta de postos de trabalho. Analisando a relação entre número de registros e emprego, temos. A cidade de Cascavel havia registrado 5.333 haitianos até 2022 e, naquele ano, empregava 1.954, tornando-se o principal polo empregador no estado. A

³⁰/ Em 2021, havia 193.934 migrantes internacionais com emprego formal no Brasil. Desse conjunto, 51.627 (26,62 %) eram haitianos, sendo que 8.829 (17,10%) estavam empregados no estado do Paraná.

cidade de Toledo havia registrado 1.435 haitianos até 2022 e empregava 1.063 indivíduos dessa nacionalidade, ocupando a 4^a posição dentre os municípios mais empregadores. Por sua vez, a cidade Maringá havia registrado 1.916 haitianos até 2022 e, naquele ano, empregava 704 deles. Por fim Curitiba havia registrado 7.100 haitianos até 2022 e, naquele ano, empregava apenas 1.478 deles³¹.

A tabela 12 mostra agora a realidade do emprego para o ano de 2023. Nota-se inicialmente uma queda na participação percentual do grupo haitiano no mercado de trabalho brasileiro e paranaense. Com efeito, em 2023, os haitianos eram 42.562 empregados no Brasil sobre um total de 269.511, ou seja, apenas 15,79% contra 27,61% em 2022. No Paraná, os haitianos eram 8.831 (24,33%) empregados ao final de 2022 e apenas 7.790 (16,62%) ao final de 2023. Essa queda explica-se pelo aumento percentual da participação do migrante venezuelano, como veremos abaixo. Explica-se também pela pequena elevação no número de registros, que chegou a 31.170 em 2023 contra 30.070 no ano de 2022³². Não obstante isso, a cidade de Cascavel mantinha-se como o município mais empregador e, agora, Toledo surgia na terceira posição.

Tabela 12. Migrantes Haitianos com Emprego Formal no estado do Paraná por Município Selecionado, 2023.

Municípios	Total	Homens	Mulheres
Cascavel	1.570	923	647
Curitiba	1.345	790	555
Toledo	1.116	820	346
Maringá	601	324	277
Palotina	284	168	116
Pato Branco	256	129	127
Mandaguari	240	147	93
Rolândia	221	129	92
São José dos Pinhais	186	155	31
Cafelândia	165	100	65
Outros Municípios	1.806	1.258	498
Total nos municípios selecionados	5.984	3.685	2.349
Total no Paraná	7.790	4.943	2.847
Total munic. selec sobre total Paraná [%]	76,81	74,54	82,50
Total de Migrantes trabalhadores formais no Paraná	46.856	29.009	17.847

³¹ A alta proporcional no número de haitianos empregados em relação ao número de registrados em Cascavel, Maringá e Toledo ainda não foi estudada. Hipoteticamente, explica-se por migrações internas no Paraná (e mesmo no Brasil) e forte oferta de mão-de-obra, em especial no setor do agronegócio.

³² O número de registros continuou avançando lentamente também em 2024. Ao final daquele ano, o estado do Paraná registrava somente 32.490 haitianos, indicando a entrada de apenas 1.302 novos migrantes.

Haitianos trabalhadores sobre total no estado [%]	16,62	17,03	15,95
---	-------	-------	-------

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra/Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CPTS estoque, 2025.

Como visto na Tabela 9, o número de entradas entre 2022 e 2024 estabilizava-se em torno do milhar quando tinha sido em torno de 3.000/ano entre 2019 e 2021. Os dados de emprego confirmam essa desaceleração no crescimento de registros, embora de maneira menos acentuada. Em 2022, havia 224.303 migrantes internacionais com emprego formal no Brasil. Desse conjunto, o número de haitianos empregados foi de 48.620, uma queda de 5,8 % em relação a 2021, quando foram 51.627 empregados. Em consequência, sua participação no mercado de trabalho brasileiro passou a 21,67 % contra 26,62 % no ano anterior. Apesar da queda percentual no Brasil como um todo, os dados para o estado do Paraná apresentaram certa estabilidade: 8.831 empregados em 2022 e 7.790 em 2023, indicando assim uma alta taxa de empregabilidade e forte resiliência ao recrudescimento na oferta de postos no mercado de trabalho local, sobretudo quando se tem em conta a crise econômica iniciada em 2017 [Oliveira et al., 2019].

Com vistas a entender melhor o emprego formal, analisamos a seguir a distribuição dos empregados nos diversos setores econômicos. Para isso, cabe esclarecer inicialmente que o setor de agronegócio³³ - especialmente forte nos estados do Sul e do Centro-Oeste brasileiro, é classificado como indústria (ou agroindústria) e não como agropecuária. Em consequência, os trabalhadores arrolados no setor "indústria", nas cidades escolhidas, são basicamente aqueles empregados na cadeia do agronegócio. Da mesma forma, o setor "indústria" não inclui o setor industrial de transformação da construção civil, que é incluído na categoria "Construção". Isso esclarecido, vejamos agora como se dividem os trabalhadores haitianos nos diversos setores nos principais municípios empregadores tanto no ano de 2022 quanto no ano de 2023: Cascavel, Curitiba, Toledo e Maringá (tabela 13).

Tabela 13. Número de Haitianos empregados no estado do Paraná por principais municípios e setor de atividade econômica, 2023.

Município	Total	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio e reparação	Educação saúde e serviços sociais	Demais serviços
Cascavel	1.570	4	1.318	89	115	3	41
Curitiba	1.345	0	193	128	320	56	648

³³ A cadeia do agronegócio inclui o plantio, a transformação industrial, o transporte e a comercialização de produtos agropecuários. Ver, a esse respeito, Geraldo S. de C. Barros, 2022, "Agronegócio: conceito e evolução", Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (ESALQ-USP), [on line] https://cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/agro%20conceito%20e%20evolução_jan22_.pdf Consultado em 4 de abril de 2024.

Toledo	1.166	4	802	28	29	0	303
Maringá	601	5	355	48	65	10	118

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2022.

A alta taxa de empregados no setor de “demais serviços” em Curitiba (capital do estado com 1,7 milhões de habitantes³⁴) justifica-se por tratar-se da cidade mais populosa do estado, sendo ainda sexta cidade mais rica do Brasil, o que a faz concentrar forte oferta de empregos em serviços tais como saúde, turismo, transporte, etc. Maringá (localizada no oeste do estado e com 425 mil habitantes) destaca-se por sua posição de polo industrial. Cascavel e Toledo são, por sua vez; polos do agronegócio.³⁵ Cascavel (localizada no oeste do estado e com apenas 364 mil habitantes) é considerada o terceiro principal polo do agronegócio no estado. É especializada na agroindústria de soja, milho e trigo e na criação de aves, suínos e bovinos, leiteiros e de corte. Além disso, oito agroindústrias empregadoras em Cascavel compõem a lista das dez mais importantes do município.³⁶ Por sua vez, Toledo (localizada no noroeste do estado e com apenas 158 mil habitantes) é o principal polo do agronegócio no estado.³⁷ Assim, a atividade industrial – que inclui as agroindústrias – aparecia como a maior empregadora do estado (2.475 empregados divididos em Cascavel, Toledo e Maringá) perfazendo 31,77% do total de 7.790 haitianos empregados no estado.

Analizando estas quatro cidades, o caso de Cascavel é emblemático. Dentre os 1.570 haitianos empregados na cidade, 1.318 (84 %) concentravam-se no setor “indústria”. Por outro lado, o alto número de empregados na cidade de Cascavel em relação ao número de registrados – 1.570 haitianos empregados para 5.564 registrados, 74 % – pode estar indicando um movimento de migração interna no Paraná e/ou no Brasil em direção às cidades com maior oferta de empregos, fenômeno ainda não estudado. Por sua vez, dentre os 1.166 empregados em Toledo, 802 (69 %) encontravam-se no setor “indústria”. Em ambas cidades, esse setor industrial repousa basicamente nas agroindústrias. Tais dados demonstram que, para além da espacialização dos migrantes em algumas cidades do estado, no interior de duas delas, verifica-se uma concentração de postos de trabalho nos setores ligados à cadeia do agronegócio. Vejamos agora a realidade do migrante venezuelano.

³⁴ A cidade de Curitiba possui 1.773.718 habitantes e apresenta IDH de 0,823, segundo dados do último censo do IBGE. Levando em conta o câmbio de 1 US\$ para R\$ 5,5, a renda per capita em US\$ é de 9,5 mil, e o PIB municipal de US\$17 bilhões.

³⁵ Segundo Almeida e Souza [2024], o setor de agronegócios, responsável pelo emprego de 19 % da população ocupada no Brasil, é conhecido pela alta rotatividade (turnover) da mão de obra.

³⁶ A lista completa das principais indústrias localizadas em Cascavel pode ser consultada em <https://www.econodata.com.br/maiores-empresas/pr-cascavel/industria>

³⁷ Ver a este respeito o site <https://acit.org.br/noticias/toledo-e-oficialmente-a-capital-do-agronegocio-do-parana/>

MIGRANTES VENEZUELANOS NO PARANÁ: EMPREGO E MERCADO DE TRABALHO

Como mostrado (tabela 3), o Brasil recebeu pequeno número – menos de 1.000 por ano – de venezuelanos entre 2010 e 2016. Em 2017, porém, o fluxo migratório tomou grande impulso. Naquele ano, foram 6.869 novos registros, contra 900 em 2016, um aumento de mais de 600 %. Nos anos seguintes, novos aumentos significativos foram verificados: 32.073 registros em 2018 e 89.448 em 2019, um aumento de quase 900 % em relação ao ano anterior.

Tal incremento desencadeou os primeiros estudos sobre a migração venezuelana, nos quais foram analisadas principalmente as questões legais do acolhimento e os primeiros impactos na região fronteiriça. Simões [2017] coordenou uma pesquisa por amostragem entre a população venezuelana não indígena que se estabeleceu nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, esta última fronteiriça à Venezuela e capital do estado de Roraima. As crises política e econômica no país de origem eram apontadas como motores da migração para 74,6 % dos entrevistados, que eram, em sua maioria, solteiros (53,5 %) e altamente escolarizados, 74,5 % dentre eles tendo concluído o Ensino Médio, e 28,4 % tendo obtido algum diploma de nível superior. A escolarização refletia-se igualmente no conhecimento de línguas estrangeiras: 22,7 % dominavam a língua portuguesa e 11,4 % a língua inglesa. Finalmente, 82,4 % eram solicitantes de refúgio, realidade que modificaria por completo este aspecto da política migratória, como mostramos a seguir.

Entre 2016 e 2017, a Fundação Getúlio Vargas (FGV)³⁸ realizou um estudo sobre a política e a gestão do fluxo migratório venezuelano.³⁹ De maneira similar ao que observou Simões [2017], os dados relativos ao perfil educacional dos migrantes venezuelanos não indígenas também revelaram grande investimento na escolaridade: 78 % deles haviam completado o Ensino Médio e 32 %, o Ensino Superior e/ou algum curso de pós-graduação. Em relação às demandas de refúgio, o número de solicitantes permanecia bastante elevado. Naquele momento, a carência de infraestrutura de acolhimento por parte do governo brasileiro era compensada pela atuação da OIM e do ACNUR. Finalmente, o estudo da FGV apontava para possíveis soluções de gestão e de acolhimento dos migrantes com base na nova Lei de Migração (2017).

Completando esta série inicial de grandes estudos, Baeninger, Demétrio e Domenicone [2020], em um levamento de fôlego, analisaram o perfil dos migrantes venezuelanos nas diversas regiões brasileiras. À leitura desse trabalho, descobre-se que entre os anos de 2000 e 2009, a Região Sul havia acolhido apenas 219 migrantes venezuelanos, 110 deles tendo se estabelecido no estado do Paraná. A partir de 2018, o fluxo começou a crescer, particularmente nos estados sulinos. Do conjunto de venezuelanos registrados no Brasil entre 2010 e 2024, o

³⁸ Trata-se de instituição privada de ensino superior (graduação e pós-graduação e pesquisa), com sedes em diversas capitais brasileiras. Para maiores detalhes, consultar o site <https://portal.fgv.br>

³⁹ FGV-DAAP, 2018, "Desafio Migratório em Roraima. Repensando a política e a gestão migratória no Brasil", Rio de Janeiro [on-line] <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/51bf638a-e713-46f9-832f-bb803ab1cb3e/content> [consultado em 25 de maio de 2024].

estado do Paraná acolheu 54.464 deles, ficando em quarto lugar dentre todas as unidades da federação, atrás apenas de Roraima, Amazonas e Santa Catarina, mas à frente do estado de São Paulo, que acolheu somente 33.669 nacionais da Venezuela no mesmo período.⁴⁰

No Paraná, contudo, foi de fato a partir de 2019 que o fluxo venezuelano passou a crescer de maneira significativa. O número de registros naquele ano foi de 3.140, um aumento de quase 300% em relação aos 793 acolhimentos registrados em 2018. Após importante diminuição em 2020 para 1.595 novos registros – fruto do fechamento das fronteiras terrestres devido à pandemia - o número de venezuelanos aumentou consideravelmente e, em 2024, o estado registrou 16.227 novos venezuelanos, um aumento de mais de 400% em relação a 2019. Assim, entre 2010 e 2024, o Paraná recebeu 54.464 venezuelanos (tabela 14).

Tabela 14. Migrantes Venezuelanos Registrados no estado do Paraná, 2010-2024.

Ano	Nº de Registros
2010	18
2011	26
2012	55
2013	14
2014	39
2015	60
2016	44
2017	158
2018	793
2019	3.140
2020	1.595
2021	7.298
2022	11.267
2023	13.730
2024	16.227
Total	54.464

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

O perfil sociodemográfico dos venezuelanos registrados no Paraná indica uma distribuição bastante equilibrada entre homens e mulheres: 27.458 para os primeiros e 26.988 para as últimas, o que parece indicar uma migração familiar. Por outro lado, os dados indicam uma forte concentração em alguns municípios do estado, exatamente como observado em relação ao migrante haitiano. Assim, 77,94%, praticamente oito em cada dez venezuelanos, estavam registrados em apenas 11 municípios (Tabela 15 e Mapa 3) do conjunto de 399 existentes no estado. Além disso, sua concentração ocorria nos municípios mais populosos,

⁴⁰ O primeiro estado em número de registros é Roraima, principal porta de entrada da migração e principal fronteira com a Venezuela.

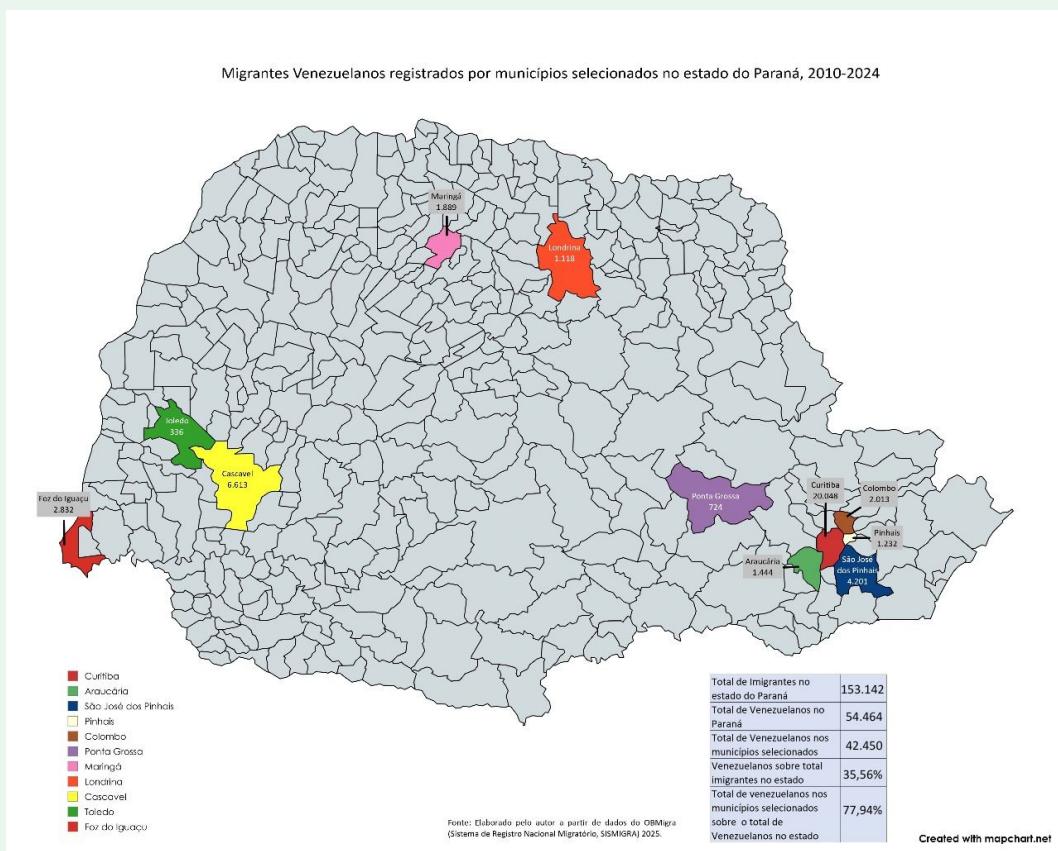
dentre os quais a capital do estado, Curitiba, e a cidade de São José dos Pinhais, com 1,7 milhões e 330 mil habitantes respectivamente.

Tabela 15. Migrantes Venezuelanos Registrados no estado do Paraná por Município Selecionado, 2010-2024.

Municípios	Total	Homens	Mulheres	Sem Inf.
Curitiba	20.048	10.040	10.007	1
Cascavel	6.613	3.358	3.255	0
São José dos Pinhais	4.201	2.071	2.128	2
Foz do Iguaçu	2.832	1.434	1.390	8
Colombo	2.013	1.016	997	0
Maringá	1.889	963	926	0
Araucária	1.444	735	709	0
Pinhais	1.232	615	616	1
Londrina	1.118	561	557	0
Ponta Grossa	724	380	344	0
Toledo	336	167	169	0
Outros Municípios	12.014	6.118	5.980	6
Total nos municípios selecionados	42.450	21.340	21.098	12
Venezuelanos no Paraná	54.464	27.458	26.988	18
Total munic. Selec/ total venezuelanos estado [%]	77,94	77,71	78,17	66,66
Total Migrantes Paraná	153.142	85.372	67.727	43
Venezuelanos sobre total de migrantes no estado [%]	35,56	32,16	39,84	41,86

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra [Sistema de Registro Nacional Migratório, SISMIGRA], 2025.

Mapa 3. Migrantes venezuelanos registrados no Paraná (total e por municípios selecionados), 2010-2024



A capital do estado e seus municípios vizinhos – Araucária, Colombo, Pinhais e São José dos Pinhais – concentram 27.497 venezuelanos (59,48%) do conjunto de 54.464 registrados no estado. Além desses municípios, chama a atenção, também em relação ao migrante venezuelano, o alto poder de atração de uma das cidades polos do agronegócio, Cascavel, que aparece em segundo lugar com 6.613 registros, fenômeno similar àquele observado em relação à migração haitiana.

O grande fluxo venezuelano para o Paraná foi tema de diversas pesquisas, inclusive sobre perfil social, cultural e econômico das primeiras levas de migrantes. Em entrevista com 72 venezuelanos (38 homens e 34 mulheres) instalados na cidade de Curitiba, García [2021] constatou que 16 deles eram oriundos de Caracas, os demais sendo originários de mais de 40 cidades distintas na Venezuela. Além disso, a maioria deles declarava possuir um nível intermediário de conhecimento da língua portuguesa, e pouco mais da metade havia concluído ao menos um curso de ensino superior, o que demonstra seu elevado capital escolar e linguístico, como já indicado em outros estudos. Por outro lado, com base em dados do Banco Central do Brasil, Cavalcanti e Oliveira [2022] mostraram grande disparidade no montante de recursos enviados por pessoas físicas residentes no Brasil para pessoas físicas residentes no Haiti e na Venezuela (tabela 16).

Tabela 16. Remessas Monetárias enviadas do Brasil para o Exterior [em US\$ milhões], por ano, segundo Haiti e Venezuela.

País	Ano	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Haiti		28,6	73,2	77,5	72,4	84,9	87,8	92,5	85,1	90,9	87,1
Venezuela		0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	1,0

Fonte: Cavalcanti; Oliveira, 2022, p. 147.

Nesse estudo, chama a atenção o pequeno montante enviado por venezuelanos a seu país de origem, quando comparado àquele enviado por haitianos ao Haiti entre 2013 e 2022. Enquanto os últimos fizeram remessas de cerca de U\$780 milhões, os primeiros enviaram somente cerca U\$2,2 milhões ao exterior [Cavalcanti & Oliveira, 2022]. A diferença é ainda mais significativa quando observamos o número de registros de haitianos e de venezuelanos, entre 2013 e 2022: 168.465 para os primeiros e 329.232 para os últimos.

A enorme diferença nos volumes enviados parece demonstrar uma forte migração familiar – quando todos os parentes migram já não há ninguém a quem enviar dinheiro – ou ainda a existência de outras formas de remessa que escapariam ao controle do Banco Central do Brasil. Diante dos números observados, em pesquisa específica ainda em curso, descobrimos que o envio de recursos de forma legal – via bancos ou agências financeiras internacionais – não leva em conta boa parte da remessa ao exterior realizada graças a atravessadores particulares em papel-moeda (dólares estadunidenses), criptomoedas ou ainda por meio de recursos depositados em contas bancárias nos EUA e utilizadas cotidianamente na Venezuela, em transações por cartões de débito ou de crédito.⁴¹ Finalmente, vejamos agora como se apresenta o mercado de trabalho para o migrante venezuelano no Paraná.

Os dados sobre a participação de estrangeiros no mercado de trabalho brasileiro, como visto acima, indicavam a presença de 224.303 trabalhadores de todas as nacionalidades ao final do ano de 2022. Desse conjunto, 84.090 eram venezuelanos e 14.240 (17%) deles estavam empregados no estado do Paraná. Naquele ano, estado ficava atrás apenas do estado de Santa Catarina (22.560 empregados), mas à frente de São Paulo que empregara 9.627 venezuelanos.

Em 2022, os migrantes venezuelanos já respondiam por 39,24% da mão de obra migrante no estado, os homens liderando a ocupação dos postos de trabalho na proporção de duas para cada três vagas, praticamente em todos os municípios do Paraná. Curitiba e Cascavel eram efetivamente os maiores empregadores naquele ano. Ambas cidades empregavam um total 7.623 venezuelanos, ou seja, 74,44% do total de venezuelanos empregados no estado e a impressionante

⁴¹ Os primeiros resultados desta pesquisa foram apresentados por Márcio de Oliveira e Leonardo Cavalcanti no último Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia, realizado na cidade de Santo Domingo (República Dominicana) em novembro de 2024. Os resultados finais estão em fase de elaboração e serão objeto de publicação futura.

marca de 21% (1 em cada 5) do total de migrantes internacionais de todas as nacionalidades somadas.

Observava-se ainda, naquele ano, a mesma forte concentração no emprego, com 11 municípios sendo responsáveis por 76,5% de todos os empregos (tabela 17). Estes números demonstram o impacto destes municípios na contratação da população migrante e/ou sua pequena espacialização no estado.

Tabela 17. Migrantes Venezuelanos com Emprego Formal no estado do Paraná por Município Selecionado, 2022.

Municípios	Total	Homens	Mulheres
Curitiba	5.557	3.206	2.351
Cascavel	2.066	1.275	791
São José dos Pinhais	1.043	695	348
Maringá	503	306	197
Foz do Iguaçu	315	202	113
Colombo	288	189	99
Londrina	258	166	92
Araucária	327	244	83
Pinhais	278	200	78
Ponta Grossa	133	86	47
Toledo	162	99	63
Outros Municípios	3.310	1.088	570
Total Munic. Selecionados	10.930	6.668	4.262
Total	14.240	8.824	5.416
Munic selec sobre total Paraná [%]	76,75	76,65	78,80
Total de Migrantes trabalhadores formais no Paraná	36.286	22.678	13.608
Venezuelanos trabalhadores sobre total no estado [%]	39,24	38,90	39,80

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra/Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CPTS estoque, 2022.

Em 2023, o número de migrantes internacionais com trabalho formal no Brasil se elevou a 269.511 indivíduos. Desse conjunto, 121.827 (45,20%) eram venezuelanos, um aumento de mais de 45% no número de postos de trabalho ocupados por nacionais deste país, para um aumento no número de registros total da ordem de apenas 8% em relação ao ano anterior. Do conjunto de 121.827 venezuelanos ocupados, 22.709 (19%) trabalhavam no estado do Paraná, um pequeno aumento em relação aos 17% observados para o ano anterior. Ainda assim, o estado posicionava-se atrás apenas de Santa Catarina, cuja população venezuelana ocupada era de 34.812 indivíduos, mas à frente do estado de São Paulo, cuja população venezuelana empregada era de 12.411 indivíduos.

No Paraná, em 2023, a mão de obra venezuelana, que respondia por 39,24% do total no ano anterior, subiu para 48,46%, muito embora correspondessem a apenas 30,04 % do total de estrangeiros registrados no estado.⁴² Em resumo, em 2022, os venezuelanos eram 23,3% de todos os migrantes registrados no estado e ocupavam 39,2% dos postos de trabalho ocupados por migrantes. Em 2023, os venezuelanos eram 30,4% do total de migrantes no estado, mas ocupavam 48,46% dos postos de trabalho. Estes dados indicam efetivamente a alta empregabilidade desse grupo nacional no estado.

Finalmente, em 2023, os principais municípios empregadores não se modificaram: Curitiba, Cascavel e São José dos Pinhais seguiam encabeçando a lista. Ao final de 2022, os dois primeiros empregavam 53,53% do total da força de trabalho venezuelana. Em 2023, estes dois mesmos municípios contribuíam 52% do total de postos de trabalho ocupados por venezuelanos no estado. Por outro lado, os municípios selecionados continuavam empregando mais de 2/3 (76%) de toda a mão de obra venezuelana no estado (tabela 18).

Tabela 18. Migrantes Venezuelanos com Emprego Formal no estado do Paraná por Município Selecionado, 2023.

Municípios	Total	Homens	Mulheres
Curitiba	8.584	4.874	3.710
Cascavel	3.310	2.068	1.242
São José dos Pinhais	1.585	1.018	567
Maringá	865	526	339
Foz do Iguaçu	611	384	227
Colombo	490	307	183
Londrina	442	279	163
Pinhais	437	299	138
Toledo	350	241	109
Araucária	436	309	127
Ponta Grossa	177	119	58
Outros Municípios	1.724	1.133	591
Total Munic. Selecionados	17.287	10.424	6.863
Total	22.709	13.919	8.790
Total munic. selec sobre total Paraná [%]	76,12	74,89	78,07
Total de Migrantes trabalhadores formais no Paraná	46.856	29.009	17.487

⁴² Entre 2010 e 2022, o estado do Paraná registrou 107.399 estrangeiros, dos quais 25.036 venezuelanos, ou seja, 23,3% do total.

Venezuelanos trabalhadores sobre total no estado [%]	48,46	47,98	50,26
--	-------	-------	-------

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do OBMigra/Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2022.

Em relação aos setores mais empregadores, havia certa semelhança em relação ao emprego da mão-de-obra haitiana. O setor do agronegócio na cidade de Cascavel empregava 1.894 venezuelanos, 57,22% do total. Na cidade de Toledo, eram 156 no setor do agronegócio ou 44,57% do total. Contudo, na região metropolitana de Curitiba, as cidades de Curitiba e São José dos Pinhais empregavam 1.279 venezuelanos no setor industrial, 12,57% do total. Em contrapartida, em Curitiba, 4.049 venezuelanos (47%) estavam empregados no setor “demais serviços”. Por fim, chamava a atenção a cidade de Foz do Iguaçu, fronteira do Brasil com o Paraguai, na quarta posição entre os municípios mais empregadores, fato que não ocorria em relação à migração haitiana.

Tabela 19. Número de Venezuelanos com Emprego Formal no estado do Paraná por principais municípios e setores de atividade econômica, 2023.

Município	Total	Agropec.	Indúst	Construção	Comércio e reparação	Educação saúde e serviços sociais	Demais serviços
Curitiba	8.584	8	937	720	2.628	242	4.049
Cascavel	3.310	53	1.894	263	602	29	177
São José dos Pinhais	1.585	2	342	47	329	8	315
Maringá	865		194	68	308	14	281
Foz do Iguaçu	611	0	35	69	156	9	342
Toledo	350	1	156	33	24	2	134

Fonte: Elaborado pelo OBMigra a pedido do autor, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2022.

Assim como no caso dos haitianos, venezuelanos formalmente empregados concentravam-se em poucos municípios e ocupavam importante parcela dos postos de trabalho ocupados por migrantes internacionais, demonstrando sua alta empregabilidade, sobretudo levando-se em conta sua chegada recente no Brasil. Em resumo, venezuelanos se destacavam, especialmente quando comparados ao grupo nacional que aparecia em segundo lugar tanto em termos de registros quanto de emprego, os haitianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A espacialização dos migrantes haitianos indica a força da economia dos estados do antigo Brasil Meridional. Em seu conjunto, esta região é responsável por 40% do PIB nacional⁴³ e por 75% dos registros de haitianos. No caso dos

⁴³ Os dados sobre o PIB brasileiro e dos estados citados estão disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>

venezuelanos, devido à política de interiorização e de refúgio, essa mesma região responde por 56% do total de registros, se desconsiderados aqueles efetuados no estado de Roraima. Nota-se portanto uma importante diferença na política migratória brasileira em relação a esses dois grupos nacionais. Não obstante, o emprego ainda se concentra nos estados de São Paulo e do sul do Brasil. Trata-se dos estados mais ricos e ligados ao setor do agronegócio de produção e de exportação. Além disso, vale ressaltar que a participação de venezuelanos no mercado de trabalho brasileiro aumentou 61% – para um aumento no número de registros da ordem de 43%, entre 2021 e 2022. Esta situação parece confirmar tanto a alta empregabilidade dos migrantes venezuelanos quanto sua capacidade de adaptação, para a qual concorre certamente a maior facilidade no aprendizado da língua portuguesa e a maior proximidade cultural com a sociedade brasileira. Em resumo, pode-se dizer que a população migrante no Brasil não somente se estabelece em poucas unidades da federação, mas também que, no interior destas últimas, se concentra em poucos municípios, tanto no que diz respeito ao número de registros, tanto no que tange ao emprego formal.

Em relação ao Paraná, a alta capacidade de atração do estado tem relação direta com sua economia, mas não somente. A economia paranaense ocupa somente a 5^a posição no ranking nacional, atrás dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Não obstante isso, trata-se do segundo destino mais importante no caso dos haitianos e do terceiro (se descontados os estados da Região Norte) no caso dos venezuelanos. Deduz-se disso sua grande capacidade de absorção de mão de obra.

No conjunto de todos os migrantes internacionais empregados no estado do Paraná em 2022, os venezuelanos, com 26,89%, e os haitianos, com 24,33%, compunham mais da metade (51,22%) do total da força de trabalho e também mais da metade (51,31%) do total de 51.109 registros. No ano de 2023, essa realidade se acentuou: venezuelanos (com 48,46%) e haitianos (com 16,62%) compunham 65,08% do total da força de trabalho embora fosse apenas 57,07% (35,75% para venezuelanos e 21,32% para haitianos) do total de 152.323 registros.

Estes dados demonstram que os fluxos migratórios e o emprego no estado do Paraná repousam significativamente sobre estes dois grupos, que se concentram espacialmente em alguns municípios, com destaque para a capital do estado, Curitiba, e seus municípios vizinhos, e as cidades de Cascavel e de Toledo. No setor de serviços na cidade de Curitiba e no agronegócio em alguns dos municípios analisados repousam talvez a grande capacidade de atração de população migrante.

A forte presença migrante no estado do Paraná explica-se igualmente por outros fatores. O estado – e suas principais cidades acolhedoras – gozam de boa fama em termos de segurança pública e de serviços de educação e saúde, aos quais os migrantes têm acesso gratuitamente. Além disso, formou-se na região uma extensa rede de acolhimento, proteção e promoção social, com ações voltadas para a obtenção de emprego – como os Feirões de empregabilidade –, cursos de língua portuguesa e o direito à participação no Conselho Estadual do Refugiado, Migrante e Apátrida (CERMA-Pr). Organismos internacionais como a OIM e o ACNUR têm presença e atuação no estado, realizando ações de formação

e participando, por exemplo, dos Feirões de empregabilidade. Além disso, há projetos de extensão organizados pelas universidades públicas, como a Universidade Federal do Paraná e por entidades religiosas, como a Cáritas. Finalmente, os próprios migrantes se organizam em associações e se fazem cada vez mais presentes nos espaços públicos institucionais.

Nos primeiros meses de 2025 – janeiro a abril – foram registrados mais 25.681 venezuelanos e 3.758 haitianos, sobre um total de 60.559 migrantes, mostrando a força desses dois fluxos. Por outro lado, segundo dados da OIM, contabilizam-se mais de 600 mil entradas e saídas pelas fronteiras brasileiras, 76% das quais pela cidade de Pacaraima, no estado de Rondônia. Tais dados confirmam o fato de tratar-se sobretudo de uma migração terrestre e o papel da política de acolhimento e de interiorização.

Os fluxos migratórios são invariavelmente função de muitos fatores, de atração e de expulsão. A título de exemplo, a situação na Venezuela, especialmente após a contestada e não reconhecida – pelo Brasil, Colômbia dentre outros Estados – eleição do Presidente Maduro não indica uma diminuição no movimento emigratório do país. Por sua vez, os migrantes haitianos vêm mostrando-se menos interessados em migrar para o Brasil. Entre 2020 e 2024, o número de registros estabilizou-se em 6 mil por ano, valor muito inferior aos 42 mil contabilizados em 2016. Por outro lado, no momento em que escrevo estas linhas, o governo dos EUA congelou por noventa dias sua ajuda à OIM, causando sérios prejuízos ao trabalho de acolhimento de venezuelanos na fronteira norte do Brasil.⁴⁴ Finalmente, a atual política norte-americana de deportações, com migrantes algemados, e maior controle da fronteira com o México, pode aumentar os fluxos migratórios para os países do Sul, especialmente para aqueles que mantêm uma política migratória bastante aberta e acolhedora, como é o caso do Brasil.

Referências

- ABRAHÃO Bernardo A., SILVA João C. J., 2018a, "Migração pela sobrevivência: o caso dos venezuelanos em Roraima", em Fernanda de M. D. FRINHANI, Liliana L. JUBILUTI & Rachel de O. LOPES (orgs.), *Migrantes Forçados: conceito e contexto*, Boa Vista, Ed. UFRR, p. 636-661.
- ACOSTA Diego, BLOUIN Cécile, FREIER Luís F., 2019, "La emigración venezolana: respuestas latinoamericanas". *Documentos de Trabajo*, n. 3, Fundación Carolina. <https://www.fundacioncarolina.es/catalogo/la-emigracion-venezolana-respuestas-latinoamericanas/> [Consultado em 22/11/2024].
- ALMEIDA Paulo S., 2009, "Conselho Nacional de Imigração (CNIg). Políticas de imigração e proteção do trabalhador migrante ou refugiado", *Cadernos de Debates: Refúgio, Migrações e Cidadania*, vol. 4, n. 4.
- ALMEIDA Alexandre B., SOUZA Hilarina D., 2024, "Rotatividade profissional em empresas de agronegócios: os desafios da gestão de pessoas de campo", *Revista E&S*, vol. 5. [DOI: 10.22167/2675-6528-20240005](https://doi.org/10.22167/2675-6528-20240005)

⁴⁴ O governo brasileiro comprometeu-se a manter a Operação Acolhida, mesmo sem a contribuição dos EUA. A este respeito, ver <https://www.folhabv.com.br/politica/brasil-manter-operacao-acolhida-apos-corte-de-verba-dos-eua-para-agencia-da-onu/>

- ARAÚJO Rafael, SARMIENTO Érica, 2024, "O governo de Nicolás Maduro (2013-2023): crises, autoritarismo e migrações forçadas", em Rafael ARAÚJO, André N. AZEVEDO & Érica SARMIENTO [orgs.], *Migrações e cidades nas Américas. Debates históricos e contemporâneos*, Recife, EDUPE, p. 132-160.
- ÁVILA Keymer, LÓPEZ Magdalena, 2023, "Necropolítica en la Venezuela bolivariana: El Estado como máquina de guerra", *Cahiers des Amériques latines*, vol. 103.
DOI : <https://doi.org/10.4000/cal.18315>
- ASSIS Gláucia, SILVA Sidney A., 2016, da *Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais*, Manaus, EDUA.
- AUDEBERT Cédric, 2012, *La diaspora haitienne: Territoires migratoires et réseaux transnationaux*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.
- AUDEBERT Cédric, HENDERSON Joseph, 2022, "El Sistema migratorio haitiano en América del Sur: recientes desarrollos y nuevos planteamientos" em Cédric AUDEBERT, Joseph HENDERSON (org.), *El sistema Migratorio haitiano en América del Sur. Proyectos, movilidades y políticas migratorias*, Buenos Aires, CLACSO, p. 17-52.
- BAENINGER Rosana A. (org.), 2012, *Imigração boliviana no Brasil*, Campinas, Nepo/Unicamp.
- BAENINGER Rosana A., DEMÉTRIO Natália B., DOMENICONE Joice (org.), 2020, *Atlas temático. Migrações Venezuelanos*, Campinas, NEPO.
- BAENINGER Rosana A., PERES Roberta, 2017, "Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil", *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 34, n. 1, p. 119-143.
DOI : <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0017>
- BAENINGER Rosana A., SILVA João C. J., 2021, "O êxodo venezuelano como fenômeno da migração Sul-Sul", *REMUH, Revista de Mobilidade Humana*, vol. 29, nº 63, p. 123-139.
DOI : <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006308>
- BAENINGER Rosana A.; SILVA João C. J. (orgs.), 2018, *Migrações Venezuelanas*, Campinas, Núcleo de Estudos de População NEPO/UNICAMP.
- BAENINGER Rosana A. & SOUCHAUD Sylvain, 2009, "Étudier les liens entre les migrations intérieures et internationales en suivant les trajectoires migratoires des Boliviens au Brésil", *Revue Européenne des Migrations Internationales*, vol. 25, nº 1, p. 193-213.
DOI : <https://doi.org/10.4000/remi.4892>
- BAENINGER Rosana et al. [orgs.], 2016, *Imigração Haitiana no Brasil*, Campinas, Editora da UNICAMP.
- BAENINGER Rosana, PATARRA Neide L., 2006, "Mobilidade espacial da população do Mercosul: metrópoles e fronteira", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 21, p. 191-203.
DOI : [10.1590/S0102-6909200600010005](https://doi.org/10.1590/S0102-6909200600010005)
- BALTAR Cláudia S., BALTAR Ronaldo & FÁVERO Deusa R., 2018, "Política de 'interiorização' da migração venezuelana recente: considerações a partir do estado do Paraná", em Rosana BAENINGER, João C. J. SILVA (org.), *Migrações Venezuelanas*, Campinas, Núcleo de Estudos de População NEPO/UNICAMP, p. 281-292.
- BENAYAS Grecia, ROMERO Carlos, 2018, "Venezuela: el ocaso de una democracia", *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, vol. 63, nº 233, p. 285-306.
- BERNARD Rebecca, 2021, *Yon Rale. Uma conversa entre haitianos no Brasil*, Porto Alegre, Editora Fi.
- BOLEDA Mário, DOMENACH Hervé, GUILLOU Michelle, 1995, "L'Amérique Latine, terre d'émigration. Approche du processus la par migration nette", *Revue Européenne des Migrations Internationales*, vol. 11, nº 2, p. 35-46.
- BRANCO Juliana F. C., 2024, "A 'crise' venezuelana e as políticas de Jair Bolsonaro: entre discursos ideológicos e a agenda securitária", em Rafael ARAÚJO, André N. AZEVEDO, Érica SARMIENTO [orgs.], *Migrações e cidades nas Américas. Debates históricos e contemporâneos*, Recife, EDUPE, p. 78-99.
- CALHEIROS Iara L., VERAS Nathália S., 2022, "Habitação e ocupação de prédios públicos por migrantes venezuelanos em São Luiz/RR" em Elói M. SENHORAS (org.), *Migração Venezuelana no Brasil e em Roraima*, Boa Vista, Editora IOLE, p. 131-154.
- CASTRO Maria da C. G de, FERNANDES Duval (org.), 2014, "Projeto Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral". On-line. <https://obs.org.br/cooperacao/746-projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral> [Consultado em: 29/04/2025].

- CAVALCANTI Leonardo, 2023, "10 anos do OBMigra: Dados, pesquisas e contribuições para para políticas", em Leonardo CAVALCANTI, Tadeu de OLIVEIRA, Sarah L. SILVA [orgs.], *Relatório Anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: Pesquisa, Dados e Contribuições para Políticas*. Brasília, Série Migrações, Observatório das Migrações Internacionais, Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral, OBMigra, p. 9-23.
- CAVALCANTI Leonardo & OLIVEIRA Márcio de., 2022, "As remessas monetárias no contexto fenômeno migratório brasileiro", *Relatório Anual OBMigra 2023*, Brasília, MJSP/CNIL/CGIL/OBMigra, p. 173-183, [on-line] https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2023/Relatório%20Anual/Relatório%20Anual%202023.pdf [consultado em 4 de março de 2024]
- CASTRO Mariana de A., LEITE Ana C. G. "Migrações venezuelanas, crise da reprodução capitalista e necropolíticas de fronteira", *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 13, nº 26, p. 63-103, 2021. DOI : <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v13i26.12824>
- COGO Denise, 2014, "Haitianos no Brasil: Comunicação e interação em redes Migratórias transnacionais", *Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 125, p. 23-32. <https://www.redalyc.org/pdf/160/16057405003.pdf>
- DALMASO Flávia F., 2021, "Mutualidades e casas: configurações entre o Brasil e o Haiti", *Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 27, n. 2, p. 1-7. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n2a553>
- D'ANDRÉA Nicolas, 2007, "Recomposition régionale dans le Sud bolivien et migrations vers l'Argentine", *Revue Européenne des Migrations Internationales*, vol. 23, nº 2, p. 2-9. DOI : <https://doi.org/10.4000/remi.4185>
- DANTICAT Edwige, 2010, *Adeus Haiti*, Rio de Janeiro, Ed Agir.
- DUVAL Fernandes, FARIA Andressa V. de, 2017, "O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos Haitianos", *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 34, n. 1, p. 145-162. DOI: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0012>
- EGUREN Josquín, KOECLIN José (org.), 2018, *El Éxodo Venezolano: entre el exilio y la emigración*, Lima, Colección OBMID, vol. 4.
- FREITEZ Anitza, 2011, "La emigración desde Venezuela durante la última década", *Temas de Coyuntura*, vol. 63, p. 11-3. <https://revistasenlinea.saber.ucab.edu.ve/index.php/temasdecoyuntura/article/view/1048/949>
- GOIS Pedro, SILVA João C. J., 2021, "República Bolivariana da Venezuela: uma sociedade em debandada, um regime político em negação, um continente inteiro sob pressão migratória. As migrações como consequência da geopolítica global no século XXI", *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 13, nº 26, p. 6-23, 2021. DOI : <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v13i26.13666>
- GONÇALVES Ana G. de P., PAIVA Ariane R. de, 2021, "Operação Acolhida: Entre militarização e a Assistência Social", *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 13, nº 26, p. 164-181. DOI: <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v13i26.12552>
- GARCÍA Madison R. G., 2021, "Migración Venezolana en Curitiba: una visión de los procesos cotidianos de integración local", Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná.
- GUARDIA Inés, 2007, "Fuga de venezolanos durante la Revolución Bolivariana [1998-2007]", *Investigaciones Geográficas*, nº 44, p. 187-198.
- HAMANN Eduarda P. [org.], 2015, "Brasil e Haiti: Reflexões sobre os 10 anos da Missão de Paz e o futuro da cooperação após 2016", *Instituto Igarapé, artigo estratégico*, nº 15, [on-line] <https://igarape.org.br/brasil-e-haiti-reflexoes-sobre-os-10-anos-de-missao-de-paz-e-o-futuro-da-cooperacao-pos-2016-2/> [consultado le 10 de outubro 2019].
- IVANOVICI Mila, 2023, "Impartir justicia en el contexto de un Estado acerujado: revolución y crisis", *Cahiers des Amériques latines*, vol. 103 <https://doi.org/10.4000/cal.18226>
- HENDERSON Joseph, 2015, "Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa", Tese de Doutorado, Programa de Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- HIRATA Daniel, 2015, "Segurança pública e fronteiras: apontamentos a partir do 'Arco Norte'", *Cienc. Cult*, vol. 67, n. 2, p. 30-34.

- HIRST Monica, 2017, "Conceitos e práticas da ação humanitária latino-americana no contexto da securitização global", *Estudios Internacionales*, vol. 49, p. 143-178.
- LEGLER Thomas, GARELLI-RÍOS Ornella, PONT Andrei S., 2018, "Venezuela: la multidimensionalidad de una crisis hemisférica", *Pensamiento Propio*, Año 23, vol. 47. <http://www.cries.org/pp47-webFINAL.pdf>
- LIBERONA Nanette, 2011, "Nouvelles migrations sud-américaines au Chili : Rapports de sexe, classe, et 'race' en santé", *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM*, vol. 22. <https://doi.org/10.4000/althim.4117>
- MACHADO Victória F. 2021, "Braço forte, mão amiga: a migração Venezuela, a Operação Acolhida e a [re]construção da identidade brasileira na fronteira", Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, PUC, Rio de Janeiro.
- MAYA, Margarita L., 2016, "La crisis del chavismo en la Venezuela actual", *Estudios Latinoamericanos, Nueva Época*, nº 38, p. 159-185.
- MONTINARD Mélanie V. L., 2019, "Pran Woudt La: Dinâmicas da mobilidade e das redes haitianas", Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado.
- OLIVEIRA Márcio de., 2016a, "Imigrantes haitianos no Paraná em 2015" em José A. P. GEDIEL, Gabriel G. de GODOY [org.], *Refúgio e hospitalidade*, Curitiba, Edições Kairós, p. 249-276.
- OLIVEIRA Márcio de, 2016b, "Immigrants Haitiens au Brésil : du multiculturalisme à l'œuvre ?", *Revista de Ciencias Humanas y Sociales. Al Irfan, Instituto de Estudios Hispano-Lusos*, Universidade Mohammed V de Rabat, n. 2, p. 73-89, https://www.researchgate.net/publication/317268060_HATIENS_AU_BRESIL_DU_MULTICURALISME_A_L'OEUVRE
- OLIVEIRA Márcio de, 2019, « P-C. La trajectoire d'un jeune Haitien au Brésil : habitus immigrant, distinction et capital », *L'Ordinaire des Amériques*, v. 226, p. 1-15.
DOI: <https://doi.org/10.4000/orda.4556>
- OLIVEIRA Márcio de, CAVALCANTI Leonardo, 2023, "Habitus e capitais migratórios de haitianos no Paraná. Trajetória educacional e inserção profissional em contextos de mobilidades", *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, v. 31, p. 115-133.
DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006708>
- OLIVEIRA Márcio de et al., 2019, "Haitianos no Paraná [Brasil] em 2018: estratégias em momentos de crise", *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, vol. 13, nº 1, p. 193-218. DOI: 10.21057/10.21057/repamv13n1.2019.24296
- OSORIO Alvarez E., 2014, "Emigración internacional venezolana durante la presidencia de Hugo Chávez", Tesis Doctoral para optar al título de Doctor en Ciencias Sociales, FACES, UCV, Caracas.
- PATARRA Neide, 2012, "O Brasil: País de imigração?", *Revista E-Metropolis*, nº 9, ano 3, p. 1-18, 2012. [En ligne]
- PELEGRIÑO Adele, 2003, *La migración internacional en América Latina y el Caribe: tendencias y perfiles de los migrantes*, Santiago, Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE).
- PERES Roberta [org.], 2015, *De norte a sul: imigração haitiana no Brasil. Diagnóstico de Pesquisa de Campo*, Campinas, NEPO.
- PUENTE José M., RODRIGUEZ Jesús, 2019, "Venezuela : comment une mauvaise gestion macroéconomique a conduit le pays aux plus grandes réserves de pétrole mondiales à son effondrement économique et social", em Enrique U. CARREÑO, Olga S. GARZÓN, Mathilde SALLERIN [org.], *Venezuela. La Révolution Bolivarienne, 20 ans après*, Paris, l'Harmattan, p. 205-226.
- PULIDO Cristina R., SANTOS Sandro M. de A., VASCONCELOS, Iana, 2020, "Echa Palante. Trabalho de rua, assédio moral e sexual de venezuelanas em Boa Vista [RR] e Manaus [AM]" em Márcia M. de OLIVEIRA et al. (orgs.), *Transversalidade das questões de gênero, educação e violência na Amazônia*, Boa Vista, EduFRR, p. 15-31.
- RODRIGUES Fernando da S.; SILVA Érica S., 2020, "Migrações internacionais contemporâneas e crise de refugiados no arco noroeste do Brasil: o caso do acolhimento de venezuelanos pelo estado de Roraima (2018 – 2019)", *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. 8, nº 19, p. 98-125.

- SÁ Patrícia R. C. de, 2015, "As redes sociais de haitianos em Belo Horizonte: análise dos laços relacionais no encaminhamento e ascensão dos migrantes no mercado de trabalho", *Cadernos Observatórios das Migrações*, vol. 1, nº 3, p. 99-127.
- SENHORAS Elói M. [org.], 2022, *Migração Venezuelana no Brasil e em Roraima*, Boa Vista, Editora IOLE.
- SILVA Sidney A. da, 2012, "Aqui começa o Brasil": Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus", em Sidney A. da SILVA [org.], *Migrações na PanAmazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*, São Paulo, Hucitec Editora, p. 300-322.
- SANT'ANA Paulo G I. de, 2022, *Migração e refúgio: convergências e contradições entre as políticas implementadas pelo Brasil no século XXI*, Brasília, FUNAG.
- SANTOS Sandro M. de A., VASCONCELOS Iana dos S., 2021, "A dieta de Maduro: migração venezuelana, geopolítica e alimentação", *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 13, nº 26, p. 25-46, <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v13i26.13147>
- SIMÕES Gustavo da F. (org.), 2017, *Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana ao Brasil*, Curitiba, Editora CRV.
- SOUCHAUD Sylvain, 2011, "A visão do Paraguai no Brasil", *Contexto Internacional*, vol. 33, nº 1, p. 131-153.
- SOUIAH Farida, 2013, "Les politiques migratoires restrictives : une fabrique de harraga", *Hommes et migrations*, nº 1304, p. 95-101.
DOI: <https://doi.org/10.4000/hommesmigrations.2652>
- THOMAZ Diana Z., 2013, "Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas", *Primeiros Estudos - Revista de Graduação em Ciências Sociais*, vol. 4, p. 131-143.
- TONDREAU Jean-Luc, 2008, *Rapport National de la République d'Haiti. Tendances récentes et situation actuelle de l'éducation et de la formation des adultes* [EdGFOA], UNESCO, Genève [on line] <http://chf-ressourceshaiti.com/ressources/Rapport-national-de-la-Republique-dHaiti> [consultado em 14 de julho de 2024]
- ZAMBRANO Andrés, 2023, "Les sources politiques d'une crise économique. L'hyperinflation au Venezuela", *Canadian Journal of Latin America and Caribbean Studies*, n. 49, vol. 1, p. 71-90.
DOI: [10.1080/08263663.2023.2254992](https://doi.org/10.1080/08263663.2023.2254992)
- ZUBILLAGA María G. P., 2020, "La pauvreté au Venezuela 1997-2017" em Enrique U. CARREÑO, Olga S. GARZÓN, Mathilde SALLERIN [org.], *Venezuela. La Révolution bolivarienne, 20 ans après*, Paris, L'Harmattan, p. 249-264.